

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**CÉSAR MARCELO CARAMÊS DA SILVA**

**“IMITANDO OS NEGRINHOS, HEIN?”**

**O Departamento de Cooperação e Propaganda do Sport Club Internacional no  
contexto do Estado Novo (1940-1942)**

**Porto Alegre**

**2021**

CÉSAR MARCELO CARAMÊS DA SILVA

**“IMITANDO OS NEGRINHOS, HEIN?”**

**O Departamento de Cooperação e Propaganda do Sport Club Internacional no contexto do Estado Novo (1940-1942)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em História, pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Rio Grande do Sul - UFRGS

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alberto Grijó

Porto Alegre

2021

#### CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Cesar Marcelo Caramês da  
"IMITANDO OS NEGRINHOS, HEIN?": O Departamento de  
Cooperação e Propaganda do Sport Club Internacional no  
contexto do Estado Novo (1940-1942) / Cesar Marcelo  
Caramês da Silva. -- 2021.

54 f.

Orientador: Luiz Alberto Grijó.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em  
História, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Torcidas Organizadas. 2. Estado Novo. 3.  
Futebol. 4. Sport Club Internacional. 5. Departamento  
de Cooperação e Propaganda. I. Grijó, Luiz Alberto,  
orient. II. Título.

CÉSAR MARCELO CARAMÊS DA SILVA

**“IMITANDO OS NEGRINHOS, HEIN?”**

**O Departamento de Cooperação e Propaganda do Sport Club Internacional no contexto do Estado Novo (1940-1942)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alberto Grijó

**Aprovado em:** Porto Alegre, 12 de maio de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Luiz Alberto Grijó  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof. Dr. César Augusto Barcelos Guazzelli  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dedico este trabalho ao meu avô Paulo (*in memoriam*), que compartilhou comigo o amor pelo futebol, pelo Sport Club Internacional e que, mesmo sem saber, fundou as bases da minha formação ao contar as histórias de Tesourinha, Falcão, Figueroa e tantos outros.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos professores e professoras que cruzaram meu caminho nestes longos dez anos na UFRGS. Se hoje deixo a universidade como um ser humano melhor, muito se deve à convivência com essas extraordinárias pessoas que lutam diariamente pela educação e por um país e um mundo mais justo. Agradeço em especial ao meu orientador, professor Luiz Alberto Grijó, grande colorado, por ter aceitado entrar nesta empreitada, mas mais do que isso, por compreender os momentos de hesitação e angústia até chegar ao final desta verdadeira epopeia. Agradeço ainda ao professor César Augusto Barcellos Guazzelli, mais um colorado de peso, por ser o propulsor da minha trajetória acadêmica graças à disciplina de História Social do Futebol. Agradeço também ao professor Arthur Lima de Ávila, pelas conversas e cornetas de corredor sobre o colorado e sua história.

Agradeço à minha família que, mesmo distante, sempre esteve presente. Meu avô Paulo (*in memoriam*) e minha avó Carmen (*in memoriam*), por me criarem com amor e sempre priorizando a minha educação. Meus pais Maria Fátima (*in memoriam*) e Orácio (*in memoriam*), por me darem a vida e exemplos a seguir. Graças ao incentivo e exemplo destes quatro pilares, hoje chego ao final de um curso superior. Agradeço ao meu irmão Horácio (*in memoriam*), pois muito do que sou hoje, devo ao que ele foi em vida. Agradeço aos meus irmãos Paulo e Carmem, por jamais terem deixado de acreditar que este momento chegaria, pelos puxões de orelha, pelos conselhos e pelo apoio durante esta caminhada. Vocês foram e são imprescindíveis.

Agradeço à Monique Sabater, minha companheira, amiga e confidente nesta reta final de curso. Nas dificuldades e nas alegrias deste período, choramos e rimos juntos. Não tenho palavras, nem canso de agradecer diariamente pelo momento em que ela entrou na minha vida.

Agradeço ao Thiago Mauer, um irmão de coração com o qual a História e o Inter me presentearam. Juntos, desenvolvemos pesquisas, trocamos ideias e palpites nos respectivos trabalhos de conclusão, discutimos, brigamos, mas continuamos sempre a pensar e, mais do que isso, sonhar. Sonhamos, sobretudo, com um mundo mais igualitário onde sempre haja espaço para o menino futebol.

Agradeço aos meus irmãos da História-Unifra (hoje UFN) em Santa Maria, Conrado “Silas”, “Dudu” Pereira e Leonardo Maia, não só pelo apoio, mas pela amizade que permanece mesmo após 13 anos da minha vinda para Porto Alegre. Muitas foram as vezes em que ouviram minhas frustrações, medos e também alegrias com o curso e com a vida. Muitas foram as vezes em que dividimos esses mesmos sentimentos pelo Inter também, fosse sonhando com títulos, fosse lembrando dos jogadores renegados do passado com um misto de saudosismo e delírio. Essa trajetória tem muito deles também.

Agradeço aos meus irmãos de coração lá do Alegrete, muitos já espalhados pelo mundo afora e que, assim como muitas outras pessoas, sempre me questionaram quando terminaria o curso: Giovane Corrêa e Tiago Ferreira, irmãos da infância, Diego Goulart, Leandro Leal, Michel Rodrigues e Sandro Cruz, irmãos da música.

Agradeço aos meus amigos e colegas de barra, a 11, que fizeram parte dessa trajetória no deboche e no apoio, nas lágrimas e nos risos frouxos. Merece menção também o Hammurabi, time de futsal da barra, que fez parte dessa trajetória da melhor forma possível: com trago y jogo de bola. Dentre eles, gostaria de agradecer especialmente ao Lucas Lemos, ao Marcos Silva e ao Guilherme Capriolli, com quem tive o privilégio de dividir um teto, muita cerveja e todos os aspectos de nossas vidas em vários desses anos.

Agradeço à Liziane Barreiro, minha psicóloga, que desde outubro de 2019 me ajuda a apertar os parafusos e manter a cabeça no lugar. Se hoje há um processo de evolução ocorrendo e eu consigo dar os méritos a mim mesmo por isso, é pelo trabalho excelente que ela vem fazendo nesse período.

Muitas outras pessoas me ajudaram, mesmo que de forma indireta, a chegar até o final da graduação. Agradeço ao professor Luís Augusto Farinatti, que me disse na despedida de Santa Maria: - Vai para a federal. Tu vais te dar bem lá! Tive o prazer de encontrá-lo no pátio do Beira-Rio em 2020, pré-pandemia, compartilhando a loucura que é ser do Inter, sem nunca esquecer daquelas palavras de alento. Agradeço à School Picture, nas pessoas da Gena, do Kami, da Cinara e do Glauco, pessoas estas que me possibilitaram o primeiro emprego em Porto Alegre e fundaram as bases para minha entrada na UFRGS. Agradeço ainda a toda a equipe da Biblioteca Central, onde fui bolsista por quase dois anos. Convivi com servidores, servidoras e profissionais terceirizados que fazem um trabalho fantástico

e merecem valorização diante de um cenário tão desolador onde seus direitos estão sob constante ameaça. Agradeço ao Museu de História da Medicina, onde tive uma curta passagem, mas de onde guardo com carinho o aprendizado e a convivência. Agradeço também aos colegas do Palácio Piratini, de onde guardo inúmeras boas lembranças: dona Ângela, Gabriel Cabral, Matheus Lopes e Stefan Vargas.

Agradeço especialmente ao Museu da Comunicação Hipólito José da Costa nas figuras do seu diretor, meu ex-colega de Museu do Inter e companheiro de cancha, Welington Silva, e do Carlos Roberto da Costa Leite (*in memoriam*), o Beto, grande profissional que cuidava com muito zelo do acervo do Museu, e que foi imprescindível na busca por fontes para este trabalho.

Finalmente, agradeço ao Museu do Inter, em especial à Daniela Amaral, coordenadora do Museu, por me possibilitar a utilização de fontes do clube neste trabalho e pelos momentos de troca de ideias durante nossa jornada profissional. Agradeço também a todos os profissionais do museu com quem convivi e ainda convivo, mas especialmente a Ariel Engster, Bárbara Hoch, Luís Felipe Macedo, Pablo Barbosa e Sariane Almeida, colegas que se tornaram amigos para a vida toda. Por fim, agradeço ao próprio Sport Club Internacional e aos diversos profissionais de diferentes setores do clube que fizeram parte do meu crescimento profissional nos últimos seis anos, especialmente Ana Bicca, Ernani Campelo, João Vicente Linck e Yzara Menegaz, incansáveis profissionais que lutam pela pesquisa e divulgação da história do clube; e ainda por me presentear com tantos amigos e amigas de arquibancada, em especial ao grupo “Inters do Tambor”, no qual destilamos impropérios, incoerências e também um pouco de amor fraterno. Sou um ser humano, profissional e torcedor realizado por exercer minha profissão no clube “que eu amei desde guri”, como diz a canção que homenageia minha querida cidade natal.

“Tentei, e continuo tentando, descobrir as mulheres e os homens animados pela vontade de justiça e pela vontade de beleza, além das fronteiras dos tempos e dos mapas, porque eles são meus compatriotas e meus contemporâneos, tenham nascido onde tenham nascido e tenham vivido quando tenham vivido.” (GALEANO, 2018, p. 31).

## RESUMO

O período de vigência do Estado Novo foi marcado pela centralização do poder e intervenção do estado em diversas esferas, dentre elas o futebol. Essa intervenção se deu de forma indireta, como no processo que levou à profissionalização do esporte, simbólica, através da atuação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), e, sobretudo institucional, através da criação do Conselho Nacional de Desportos e da burocratização a cargo do DIP. É também neste período que se aprofunda o processo de popularização do futebol através das grandes festividades e da construção de grandes praças esportivas, como o Estádio de São Januário, no Rio de Janeiro, e o Estádio do Pacaembú, em São Paulo. Este processo de popularização contou com o auxílio de órgãos de imprensa e novas organizações torcedoras que visavam não só ampliar o público do futebol, como normatizar suas ações. Dentro deste contexto, o Sport Club Internacional criava o seu Departamento de Cooperação e Propaganda (DCP), apenas pouco mais de cinco meses após o Decreto-Lei 1.915, de 27 de dezembro de 1939, que criava o Departamento de Imprensa e Propaganda, principal órgão de difusão ideológica estado-novista. Para além da semelhança nos nomes, veremos as aproximações e distanciamentos na atuação do DCP com relação ao DIP, além, é claro, com relação às demais organizações torcedoras do período.

**Palavras-chave:** Torcidas Organizadas. Estado Novo. Futebol. Sport Club Internacional. Departamento de Cooperação e Propaganda.

## ABSTRACT

Vargas' Estado Novo is well known for its policies of centralization of power and State intervention in several spheres, between them the sports regulation, including football. In sports, this intervention took place by indirect ways, like through a process of professionalization, with the aid of the Department of Press and Propaganda (DIP) and mainly through the creation of the National Sports Council and the rational bureaucratization of the State apparatus. It is during this period that the process of popularization of football occurs, with the government sponsorship of major festivities and the construction of large sports practicing areas, such as the São Januário Stadium, in Rio de Janeiro, and the Pacaembu Stadium, in São Paulo. This popularization process counted on the help of press agencies and new fan organizations that aimed not only to broaden the football public, but also to standardize their actions. Within this context, Sport Club Internacional created its Department of Cooperation and Propaganda (DCP), just a little more than five months after the Decree-Law 1.915, of December 27, 1939, which created the Department of Press and Propaganda, the main organ of Vargas' ideological diffusion. In addition to the similarity in the names, we are going to explore the similarities and differences in the acting of the DCP in comparison with the DIP in relation to the other organized Supporters and fans organizations of that period.

**Keywords:** Organized Supporter clubs, Estado Novo, Football/Soccer, Sport Club Internacional

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Festa do DCP na partida Inter x São José em 03/11/1940.....	45
--	----

**LISTA DE SIGLAS**

<b>AMEA</b>	Associação Metropolitana de Esportes Athléticos
<b>CBD</b>	Confederação Brasileira de Desportos
<b>CND</b>	Conselho Nacional de Desportos
<b>DCP</b>	Departamento de Cooperação e Propaganda
<b>DIP</b>	Departamento de Imprensa e Propaganda
<b>DNP</b>	Departamento Nacional de Propaganda
<b>DOP</b>	Departamento Oficial de Publicidade
<b>DOPS</b>	Departamento de Ordem Política e Social
<b>DPDC</b>	Departamento de Propaganda e Difusão Cultural
<b>DTG</b>	Departamento do Torcedor Gremista
<b>FBF</b>	Federação Brasileira de Futebol
<b>FSRG</b>	Federação <i>Sportiva</i> Rio-Grandense
<b>FRGF</b>	Federação Rio-Grandense de Futebol
<b>LPAF</b>	Liga Porto-Alegrense de <i>Foot-Ball</i>
<b>PPG</b>	Pela Pujança do Grêmio
<b>TUSP</b>	Torcida Uniformizada do São Paulo

**SUMÁRIO**

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2 O ESTADO NOVO E O ESPORTE.....</b>	<b>17</b>
<b>2.1 A crescente normatização do Estado Novo.....</b>	<b>17</b>
<b>2.2 A política nacional refletida no futebol.....</b>	<b>18</b>
<b>2.3 O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e sua atuação.....</b>	<b>22</b>
<b>2.4 O Conselho Nacional de Desportos e a retomada da CBD.....</b>	<b>24</b>
<b>3 A POPULARIZAÇÃO DO FUTEBOL NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX</b>	<b>26</b>
<b>3.1 Os primeiros passos do esporte bretão.....</b>	<b>26</b>
<b>3.2 Dos primeiros públicos ao esporte de massa .....</b>	<b>29</b>
<b>3.3 As primeiras organizações torcedoras .....</b>	<b>30</b>
<b>4 O DCP DO SPORT CLUB INTERNACIONAL.....</b>	<b>34</b>
<b>4.1 O Sport Club Internacional em suas primeiras décadas .....</b>	<b>34</b>
<b>4.2 Vicente Rao e o Departamento de Cooperação e Propaganda .....</b>	<b>37</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>52</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento do futebol e a influência política do regime varguista são objetos de diversas pesquisas acadêmicas (NEGREIROS, 1998; DRUMOND, 2014), podendo-se destacar ainda os diversos estudos sobre o processo que culmina na criação das primeiras organizações torcedoras do país dentro do regime do Estado Novo (TOLEDO, 1996; TOLEDO, 2000a; TOLEDO, 2000b; HOLLANDA et al, 2012). Foi neste período que o futebol brasileiro passou por um processo de institucionalização e profissionalização repleto de tensões e cooperações entre as suas elites e o governo Vargas, o que faz com que ele seja objeto de diversas pesquisas. Da mesma forma, a política de Vargas adentrou as instituições esportivas de tal forma que fenômenos como a criação das organizações torcedoras se dão dentro dos paradigmas estabelecidos no período. Temos, portanto, a criação destas organizações dentro do processo de normatização do comportamento do público de futebol, cada vez maior na década de 1930.

A grande maioria dos trabalhos com foco nas organizações torcedoras aborda os processos históricos ocorridos no centro do país, especificamente Rio de Janeiro e São Paulo. Embora existam alguns trabalhos sobre organizações torcedoras no Rio Grande do Sul (DUARTE, 2012; HORN & MAZO, 2009), sentimos que ainda se faz necessário um número maior de estudos visando constituir um cenário mais amplo deste fenômeno a nível local. Por esta razão, sentiu-se a necessidade de lançar luz sobre a trajetória daquela que, segundo os dados que se tem até o momento, é a segunda organização torcedora da história do Brasil: o Departamento de Cooperação e Propaganda do Sport Club Internacional. Importante ressaltar que se soma a esta razão o meu pertencimento clubístico e minha atuação profissional no museu do referido clube.

Neste trabalho, buscamos analisar a trajetória e a atuação do DCP do Internacional a partir da repercussão de suas ações na imprensa do período, enquanto torcida organizada pioneira no sul do país e departamento de propaganda de um clube de futebol. Desta forma, buscamos traçar aproximações e distanciamentos entre o DCP e o DIP de Vargas, bem como das demais organizações torcedoras contemporâneas a ele.

Para melhor compreender o processo de criação do DCP, realizamos uma contextualização breve do regime do Estado Novo e de suas práticas de

propaganda, bem como da importância do DIP dentro da ditadura varguista. Ao mesmo tempo, se fez necessário traçar um paralelo com as demais organizações torcedoras do país, anteriores ou posteriores ao DCP, dando um panorama de suas formações que nos auxiliou a compreender como o DCP se insere neste processo.

Para isso, utilizamos de uma revisão bibliográfica relativa ao período do Estado Novo, bem como de seu principal órgão de propaganda, assim como das próprias organizações torcedoras que surgiram no período. Já referente ao DCP, foi utilizado o jornal Diário de Notícias entre os anos de 1940 e 1942. Ressalta-se a lacuna existente nas fontes no segundo semestre de 1941. Também foram utilizadas as atas das assembleias extraordinárias do Sport Club Internacional para buscar informações sobre Vicente Rao, famoso torcedor-símbolo do DCP, estas últimas acessadas devido ao pesquisador ser funcionário do setor de pesquisa histórica do Museu do Sport Club Internacional – Ruy Tedesco desde dezembro de 2014 até os dias atuais. Foram trazidas algumas edições da Revista do Globo que auxiliaram na contextualização sobre a trajetória de Rao e sobre a própria atuação do DCP. Nosso recorte compreende os anos de 1940, ano de criação do DCP, até 1942, ano em que o Internacional iguala o seu tradicional rival, Grêmio FBPA, em número de títulos gaúchos (cinco), sendo a primeira equipe a conquistá-lo três vezes de forma consecutiva.

Compreendendo o campo da história através da imprensa, ou seja, utilizando a imprensa como fonte primária para a pesquisa histórica (ZICMAN, 1984, p. 89), utilizou-se o método da análise temática, um dos tipos de análise de conteúdo, que “interessa-se pelo significado dos discursos independentemente de sua forma linguística, centrando-se na análise do conteúdo dos discursos”, desenvolvendo-se “a partir de ‘temas’ ou ‘itens de significação’ relativos a um determinado objeto de estudo e analisados em termos de sua presença e frequência de aparecimento nos textos analisados” (ZICMAN, 1984, p. 95). Todavia, a fonte jornalística exige cuidados no seu tratamento em pesquisa, pois “na construção do fato jornalístico interferem não apenas elementos de quem o produz, mas também os interesses aos quais o jornal está vinculado”<sup>1</sup> (CAPELATO, 1988, p. 22).

---

<sup>1</sup> É curioso que ao fazer esta afirmação, a autora refere-se ao prefácio de um livro sobre Assis Chateaubriand em que Carlos Rizzini advoga que o fundador da Diários Associados, conglomerado do qual o Diário de Notícias fazia parte, guiou-se pelo modelo de participar dos fatos, mas também de criá-los.

Este trabalho se divide, portanto, em um primeiro capítulo com um breve levantamento histórico, sem entrar em pormenores devido à extensão do trabalho, sobre o período do Estado Novo e seus órgãos de propaganda, com foco no mais importante, o DIP; no processo de profissionalização do futebol e no processo de criação do Conselho Nacional de Desportos. Já o segundo capítulo, apresenta uma breve gênese do futebol no país, sua crescente popularização tanto na prática quanto no seu público, e a formação e caracterização das primeiras organizações torcedoras que se tem conhecimento no país. Em seu terceiro capítulo, um breve histórico do Sport Club Internacional e sua constituição, servindo de pano de fundo para a formação do seu Departamento de Cooperação e Propaganda em 1940, paralelamente à conquista do inédito tri-campeonato gaúcho pelos colorados. Por fim, nossas considerações sobre a inserção do DCP dentro do contexto mais amplo do Estado Novo e suas nuances. Com esta pesquisa, como já dito anteriormente, objetivamos lançar luz sobre parte da trajetória e da atuação de uma organização torcedora que pertence ao imaginário do torcedor, mas que possuía muitas outras atribuições para além das arquibancadas, contribuindo ainda para a ampliação dos estudos históricos sobre as organizações torcedoras do período do Estado Novo e, de forma mais ampla, para a história das torcidas organizadas do Brasil.

## **2 O ESTADO NOVO E O ESPORTE**

O período da história brasileira conhecido como Estado Novo (1937-1945) é amplamente estudado pelos historiadores devido à grande influência que este teve sobre os momentos posteriores da história brasileira. A ditadura Vargas centralizou os poderes na União, reformulando o sistema político, alterando a ordem econômica através de uma política desenvolvimentista e fortalecendo a indústria de base. Muitos temas foram objeto de investigação por parte dos historiadores. Um destes temas é o esporte, abrangendo, dentre suas muitas práticas, o futebol, modalidade que começa a se consolidar como esporte nacional neste período. O esporte, assim como a cultura e outras esferas da sociedade brasileira daquele momento, não passa incólume pelas práticas centralizadoras e paternalistas do regime autoritário instituído em 1937. Veremos, a seguir como as ações do regime varguista atingiram também o esporte bretão.

### **2.1 A crescente normatização do Estado Novo**

O regime do Estado Novo, instituído com o golpe de estado em 1937, foi visto pelos seus ideólogos como uma “decorrência histórica e necessária da Revolução de 30” (CAPELATO, 1988, p. 117). Para estes, o golpe foi a etapa derradeira de uma centralização estatal que havia sido iniciada durante o Governo Provisório de Vargas (1930-1934). Contudo, o Estado Novo “foi um dos resultados possíveis das lutas e enfrentamentos diversos travados durante a incerta e tumultuada década de 1930” (PANDOLFI, 2003, p. 35). Da mesma forma, Maurício Drumond (2014, p. 33) afirma que o Estado Novo “pode ser caracterizado mais como a consolidação de um modelo que já se punha em vigência desde inícios da Revolução de 1930 do que um regime proveniente de uma conturbada luta política entre diferentes facções”.

Se antes do golpe havia uma disputa entre setores liberais e aqueles que entendiam que havia a necessidade de um estado forte nas esferas política e econômica, a partir de 1937 se viu um estado autoritário alinhado com muitas práticas do fascismo italiano, tendo, inclusive, simpatizantes destes no alto escalão governamental brasileiro, como nos casos de Filinto Muller, o qual comandava a polícia política, e de Lourival Fontes, que dirigia o DIP, Departamento de Imprensa e Propaganda (CAPELATO, 1988, p. 169). Onde antes havia debate de ideias para

definir os rumos da nação, agora havia um regime antidemocrático, autoritário, mas também responsável por avanços em diversas áreas, a despeito da perda de liberdades dentro da sociedade. A centralização imposta pelo regime e a tentativa de criação da unidade nacional ficou evidente na cerimônia de queima das bandeiras estaduais, ocorrida no Rio de Janeiro em 1937. Pouco tempo antes, devido ao estado de guerra decretado a partir da divulgação do Plano Cohen<sup>1</sup>, o regime estado-novista outorgou uma nova constituição para o país dando plenos poderes ao presidente, dissolvendo o congresso e o senado, e iniciando um período em que o governo autoritário de Vargas tentou romper com a velha política da Primeira República. A perseguição, o exílio e a tortura de opositores políticos em nome da contenção da “ameaça comunista” foi outra das características do regime, principalmente através do Tribunal de Segurança Nacional e do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS).

Apostando na centralização do poder, no culto à figura do líder e, um pouco mais à frente, em um aparato de propaganda aos moldes dos regimes nazifascistas. Vargas tentou criar uma identidade nacional, elemento em aberto e em disputa desde a proclamação da República. É no período de seu governo que se passa a valorizar a miscigenação do povo brasileiro, distorcendo o conceito de eugenia e adaptando-o a uma realidade totalmente diferente daqueles países que reivindicavam uma origem pura de sua população, como no caso da Alemanha Nazista. Com o paternalismo varguista latente, nenhum aspecto da sociedade brasileira ficou de fora do seu controle e o esporte foi um dos campos afetados pelo Estado Novo, tendo como principal movimento, emplacar o futebol como principal esporte nacional, além da intervenção estatal na organização esportiva do país e, claro, do futebol, enquadrando-o na lógica corporativista do regime.

## **2.2 A política nacional refletida no futebol**

Assim como houve grandes tensões e disputas em torno da política nacional que levaram à Revolução de 30 e, posteriormente, à implementação do Estado

---

1 O Plano Cohen foi um documento divulgado pelo governo em 30 de setembro de 1937. Tal documento supostamente continha planos de ação para agentes comunistas no Brasil. O documento era de autoria do capitão Olímpio Mourão Filho, membro da Ação Integralista Brasileira (AIB). O Plano Cohen serviu de justificativa para que Getúlio Vargas decretasse estado de guerra e abriu as portas para o golpe do Estado Novo. A fraude só foi revelada após a extinção do Estado Novo em 1945.

Novo, o futebol também foi campo de disputa sobre seus rumos na década de 1930. O esporte que até então era amador, ou ao menos intentava ser, ficava cada vez mais próximo da profissionalização, por mais precária que esta viesse a ser. Até aquele momento não havia uma legislação esportiva para além de decretos e a criação de departamentos e secretarias ligadas a ministérios já consolidados (SILVA, 2008, p. 71). O esporte se organizava de maneira disforme, o que causava grandes conflitos. Para usarmos um exemplo local, a cidade de Porto Alegre teve diversas cisões na sua principal liga de futebol devido a interesses diversos dos clubes envolvidos. Isto fez com que Internacional e Grêmio Porto-Alegrense se declarassem campeões da cidade concomitantemente nos anos de 1913, 1914 e 1915, anos em que os dois clubes protagonizaram o início da famosa rivalidade Gre-Nal após o episódio que causou a criação de uma liga paralela por parte do Grêmio, a Associação de *Football* Porto-Alegrense<sup>2</sup>. Sem nenhum órgão que arbitrasse as situações extremas, este cenário de cisões e desorganização se manteve durante as décadas seguintes até a profissionalização do futebol gaúcho já dentro do regime estadonovista.

Também é conhecido o episódio em que o Vasco da Gama sagrou-se campeão do Rio de Janeiro em 1923 com um time repleto de negros e operários, o que causou mudanças nos regulamentos da Associação Metropolitana de Esportes Athléticos (AMEA), impedindo a equipe cruzmaltina de disputar o campeonato do ano seguinte. Apesar do viés racista por trás da mudança de regulamento, fica evidente ainda o clima conflituoso existente no esporte nacional. Mesmo que a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) fosse ligada à FIFA e reconhecesse somente um órgão por estado e cidade como oficial, isto não evitou que as disputas ocorressem por motivos diversos país a fora.

Contudo, a principal disputa ocorreu entre 1933 e 1937 e acabou por se reproduzir nas instâncias locais e mesmo dentro dos clubes de futebol. Chamado de “dissídio esportivo” na época, o embate entre defensores do amadorismo e adeptos do profissionalismo, escondia uma disputa muito maior em torno do controle do futebol brasileiro (DRUMOND, 2014, p. 69). O primeiro grupo, liderado pela CBD,

---

<sup>2</sup> O Grêmio Porto-Alegrense, principal idealizador da Liga de *Football* Porto-Alegrense em 1910, retirou-se da mesma em 1913 após um desentendimento em partida do Internacional apitada por um sócio tricolor. Com a saída, o clube do Moinhos de Vento criou uma liga paralela, a Associação de *Football* Porto-Alegrense, em 1914. Cabe ressaltar que segundo SOARES (2014, p. 122), o Grêmio disputou apenas partidas amistosas até o final da temporada de 1913, causando estranhamento o fato de declarar-se campeão após ter abandonado o certame.

defendia a manutenção do regime amador, enquanto o segundo grupo, liderado principalmente por Arnaldo Guinle<sup>3</sup>, defendia a profissionalização do esporte. Cabe ressaltar que mesmo dentro do regime amador, bonificações e prêmios eram pagos aos jogadores dependendo da importância das partidas. Mário Filho (2010, p. 123) explica que essa prática era chamada de bicho “porque, às vezes, era um cachorro, cinco mil réis, outras um coelho, dez mil réis, outras um peru, vinte mil réis, um galo, cinquenta, uma vaca, cem”. Desta forma os clubes mantinham seus jogadores como amadores. Para impedir que estes jogadores mudassem constantemente de clube por não possuírem contratos profissionais, diversos mecanismos eram criados. Novamente trazendo um exemplo local, a Lei do Estágio criada em 1917 pela Federação Sportiva Rio-Grandense (FSRG) tinha o objetivo de impedir a utilização de quatro jogadores uruguaios pelo Grêmio, e, conseqüentemente, a manutenção do regime amador. Com este mecanismo, jogadores estrangeiros somente poderiam fazer parte dos quadros de clubes gaúchos comprovando residência e ocupação profissional pelo período de um ano (SOARES, 2014, p. 128). Todos os clubes que faziam parte da Liga de *Foot-ball* Porto-Alegrense assinaram a aprovação da referida Lei do Estágio, com a exceção do Grêmio. Esse embate revela um cenário que conta com vários desdobramentos durante os anos seguintes, até o período do chamado dissídio esportivo na década de 1930, onde ele se desenvolve já dentro de um contexto mais generalizado por todo o país.

Se os clubes conseguiam de forma precária manter seus craques diante do assédio dos clubes de outros estados a partir da década de 1930, o mesmo não acontece com o assédio de clubes estrangeiros. Diversos países, como Argentina e Uruguai, por exemplo, profissionalizaram o futebol antes do Brasil. Desta forma, seduziam jogadores brasileiros que excursionavam com seus clubes, oferecendo bons salários. A garantia de uma remuneração fixa era um atrativo e isto fez com que houvesse um grande êxodo de jogadores brasileiros. Preocupados com a perda de seus craques, os dirigentes do esporte nacional passaram a discutir a profissionalização do esporte.

O movimento, que teria iniciado no Rio de Janeiro em 1932 (DRUMOND, 2014, p. 72), logo se espalhou por outros estados. Diversas federações estaduais

---

<sup>3</sup> Arnaldo Guinle foi presidente do Fluminense Football Club entre 1916 e 1931, bem como presidiu a CBD entre 1916 e 1920, além da extinta Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA). Comandou a Federação Brasileira de Futebol (FBF), principal opositora da CBD na discussão sobre a profissionalização do futebol.

passaram a ter cisões entre seus membros na disputa pelo regime de inscrição dos atletas, ocasionando a criação da Federação Brasileira de Futebol (FBF), entidade antagonista da CBD – esta última defensora do regime amador. Entretanto, o que se desenhava era a disputa entre grupos que comandavam o futebol brasileiro antes do golpe de Vargas e os novos dirigentes que passaram a ter preponderância no cenário esportivo com a subida de Vargas ao poder. Essa disputa se deu pelo controle do esporte nacional, muito mais do que definir se ele seguiria amador ou caminharia para a profissionalização. Contudo, a disputa acabou por desgastar e enfraquecer as lideranças dos clubes e das entidades, fazendo com que o governo interviesse na tentativa de mediar o conflito até a sua pacificação em 1937, já dentro do regime do Estado Novo, quando se definiu que a FBF seria responsável pelo futebol do país, enquanto a CBD ficaria responsável pela sua representação através da seleção brasileira (DRUMOND, 2014, p. 79).

Seu ápice ocorreu no momento em que se definia a participação brasileira nos Jogos Olímpicos de 1936, quando ficou em cheque a ida dos melhores atletas disponíveis para representar o país. Essa participação era o grande interesse do governo varguista naquele momento. Não estava em cheque somente o campo esportivo, mas a representação nacional perante as demais nações do mundo. Era a própria identidade nacional se confundindo com a representação do país em atividades esportivas. Como o tempo para definição da delegação brasileira para os Jogos Olímpicos estava próximo do fim e as entidades esportivas em conflito não chegavam a um consenso, vozes na imprensa passaram a clamar por uma intervenção estatal nos esportes, no sentido de pacificar os conflitos e bem representar o Brasil nas Olimpíadas. Negreiros (1998, p. 204) afirma que “se havia interesse por parte do poder público em disciplinar as atividades esportivas, também parte da sociedade entendia que essa presença do Estado nas questões esportivas era necessária e bem-vinda”. Todo esse contexto acabou levando o governo de Vargas a se aproximar cada vez mais da intervenção que se desenhava há anos para controlar o futebol e o esporte brasileiro como um todo, entregando a resolução de diversas questões à Censura Teatral (DRUMOND, 2014, p. 77), que regulamentava atividades de recreação, apoiando-se na “Lei Getúlio Vargas”. Contudo, a pacificação viria somente em 1937, já dentro do regime do Estado Novo, quando se definiu que a FBF seria responsável pelo futebol do país, enquanto a CBD ficaria responsável pela sua representação através da seleção brasileira

(DRUMOND, 2014, p. 79). O que se vê é que mesmo antes da criação do Conselho Nacional dos Desportos (CND), o governo Vargas já utilizava sua estrutura de estado para exercer seu poder sobre o esporte, podendo assim moldar também essa área da sociedade na construção da sua imagem ideal de nação.

### 2.3 O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e sua atuação

O Departamento de Imprensa e Propaganda, criado pelo Decreto-Lei 1.915 de 27 de dezembro de 1939<sup>4</sup>, foi um dos setores mais importantes do Estado Novo, responsável pela difusão da ideologia do regime e pela promoção pessoal de Vargas. Gozava de grande autonomia, não tendo apenas a parte de divulgação de notícias sob sua tutela, mas toda a área de propaganda do regime, bem como a área de educação e cultura. Contudo, ele teve alguns antecedentes que precisam ser citados para compreendermos como se chegou ao grau de autonomia de que ele desfrutava.

Segundo o verbete do Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro sobre o DIP<sup>5</sup>, sua criação “foi precedida [...] por três outros órgãos — o Departamento Oficial de Publicidade (DOP), o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), e o Departamento Nacional de Propaganda (DNP) —, que se sucederam a partir de 1931”. O primeiro deles, o DOP, foi criado em 1931 e basicamente fornecia informações oficiais do governo à imprensa. Já o DPDC foi criado em 1934, dentro de uma política de sistematização da propaganda oficial. Subordinado ao Ministério da Justiça como seu antecessor, o DPDC foi entregue a Lourival Fontes<sup>6</sup>, profundo admirador do fascismo italiano. O DPDC estendeu seus braços sobre os setores de cultura e cinema, além da radiodifusão e da Imprensa Nacional que já se encontravam sob a tutela do DOP. A partir do golpe do Estado Novo, o DPDC

---

<sup>4</sup> Decreto-Lei 1.915, de 27 dez. 1939. *Diário Oficial da União*. Rio de Janeiro, 27 dez. 1939, Seção 1, p. 29362. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1915-27-dezembro-1939-411881-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acessado em 22 de fev. de 2021.

<sup>5</sup> Verbetes Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). In: *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro*, CPDOC/FGV, Rio de Janeiro.. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/departamento-de-imprensa-e-propaganda-dip>. Acesso em: 22 fev. 2021.

<sup>6</sup> Lourival Fontes foi um jornalista e escritor sergipano, apoiador do golpe de 1930 e que fez parte do alto escalão do governo Vargas. Nutria admiração pelo fascismo italiano, sendo considerado por Mussolini como uma das três pessoas fora da Itália que conheciam o fascismo. O Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro possui mais informações sobre sua biografia. Encontra-se disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/fontes-lourival>. Acesso em: 19 fev. 2021.

ocupou o Palácio Tiradentes, no Rio de Janeiro. Contudo, em 1938, após o DPDC encampar uma série de atribuições não previstas, ele foi extinto para a criação do DNP. Com a sua autonomia ampliada, passou a controlar todos os meios de comunicação através da censura. Também tinha o papel de promoção do país no exterior e agiu fortemente sobre a radiodifusão nacional. É durante a sua existência que se inaugura a Hora do Brasil, programa diário que divulgava as principais notícias do país.

Visando ampliar o escopo de ação do DNP, Vargas cria o DIP no mesmo decreto-lei em que extingue o DNP, mantendo o novo órgão nas mãos de Lourival Fontes. Com a ampliação de poderes e autonomia do DIP, este tornou-se o principal órgão do governo em termos de coerção da liberdade de expressão e pensamento durante o Estado Novo, além de ser o porta-voz oficial do regime, sendo responsável por toda a comunicação e propaganda dos departamentos públicos. Sua proximidade com a presidência também possibilitava o trabalho de promoção pessoal de Vargas e de sua família.

O DIP era constituído de cinco divisões: Divisão de Divulgação, Divisão de Radiodifusão, Divisão de Cinema e Teatro, Divisão de Turismo e Divisão de Imprensa. Era através deste aparato que o DIP atuava sobre a propaganda do regime, como também controlando toda e qualquer informação sobre ele. Além disso, uma das divisões – de Cinema e Teatro, servia para controle de atividades que possuíam um viés crítico, mas também como forma de reproduzir a ideologia do regime através de concursos e prêmios.

Segundo o artigo 2º, alínea “c” do Decreto-Lei 1.915 que criou o DIP, ele tinha por finalidade “fazer a censura do Teatro, do Cinema, de funções recreativas e esportivas de qualquer natureza, de rádio-difusão, da literatura social e política, e da imprensa, quando a esta forem cominadas as penalidades previstas por lei”<sup>7</sup>, ou seja, dentre outras funções de propaganda, difusão da informação oficial do governo e fomento de atividades culturais, ficava a cargo do DIP também a tarefa de exercer a censura, mas também, em alguma medida, a regulação do campo esportivo. Vimos anteriormente (item 2.2) como o governo Vargas já havia utilizado sua estrutura para resolver o problema do dissídio esportivo e a participação brasileira

---

<sup>7</sup> Decreto-Lei 1.915, de 27 dez. 1939. *Diário Oficial da União*. Rio de Janeiro, 27 dez. 1939, Seção 1, p. 29362. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1915-27-dezembro-1939-411881-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 22 fev. 2021.

nos Jogos Olímpicos de 1936. Mas a partir da criação do DIP nota-se o aprofundamento dessa intervenção, na medida em que ela está posta como uma das atribuições de um de seus órgãos de governo. Começa-se a preparar o terreno para a criação do Conselho Nacional de Desportos (CND), ideia que já permeava o governo Vargas desde o período constitucional.

#### **2.4 O Conselho Nacional de Desportos e a retomada da CBD**

Antes mesmo do Estado Novo, durante o governo constitucional de Vargas, já havia projetos visando à centralização do comando do esporte pelo governo. Maurício Drumond (2014, p.148) cita os projetos do deputado Pádua Soares e do capitão João Alberto. O primeiro propunha que o governo tivesse poderes absolutos sobre o esporte; já o segundo, designado pelo próprio Getúlio para elaborar o projeto, propõe que se crie um Departamento de Educação Física para controlar todo o esporte brasileiro. Ambos os projetos passam por anos de estudos e debates na Câmara, chegando à oficialização somente em 16 de abril de 1941, quando foi publicado o Decreto-Lei 3.199 que criava o Conselho Nacional de Desportos. Com essa etapa, se atingia o objetivo de Pádua Soares, de um órgão que detivesse o controle total sobre os esportes, pois toda a estrutura esportiva do país foi alterada. Um dos pontos principais, que dialoga com a questão do dissídio esportivo que tratamos anteriormente (item 2.2), é a determinação de que cada esporte, ou grupo de esportes, poderia se filiar somente a uma das confederações, bem como cada estado possuiria somente uma federação ligada à confederação. Este foi o passo principal para evitar novas cisões dentro do esporte. Dentre as seis confederações criadas pelo decreto-lei<sup>8</sup>, ficava estabelecida a Confederação Brasileira de Desportos, que compreendia o futebol, o tênis, o atletismo, o remo, a natação, os saltos, o pólo aquático, o voleibol e o handebol. Ao mesmo tempo, ressaltava que o desporto básico e essencial desta confederação, era o futebol.

Com estas mudanças, o governo Vargas colocava os integrantes do grupo da CBD (pró-amadorismo anteriormente) no comando do futebol brasileiro, perdido em

---

<sup>8</sup> O art. 15 do Decreto-Lei 3.199 constituiu as seguintes federações: Confederação Brasileira de Desportos, Confederação Brasileira de Basket-ball, Confederação Brasileira de Pugilismo, Confederação Brasileira de Vela e Motor, Confederação Brasileira de Esgrima e Confederação Brasileira de Xadrez. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 22 fev. 2021.

1937 quando esta passou a organizar somente o selecionado nacional. A Federação Brasileira de Futebol foi extinta e Arnaldo Guinle, seu principal líder, saiu de cena negando o convite que lhe fora feito para participar do CND (DRUMOND, 2014, p. 150). A intervenção tão aguardada nos esportes, a despeito de alterar a sua estrutura organizacional, não modificou as lideranças, que permaneciam sendo membros tradicionais da elite desportiva do país.

Concomitante a este processo de disputa entre as elites pelo domínio do futebol brasileiro, há um processo de popularização do esporte ocorrendo desde sua introdução pelas mais variadas formas no país. Organizações de equipes nas classes subalternas, criação de ligas paralelas às tidas como oficiais, jogadores de diferentes classes sociais e raças inserindo-se nos clubes de elite, bem como a ampliação do público e a criação das primeiras organizações torcedoras, serão abordados no próximo capítulo deste trabalho.

### 3 A POPULARIZAÇÃO DO FUTEBOL NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

O futebol chega ao Brasil no decorrer do século XIX e passa a ser difundido e organizado como um esporte de elite para as elites e muito mudou entre a sua chegada e o período do Estado Novo. Mesmo que muitas das suas formas de entrada no país tenham sido através de trocas culturais entre trabalhadores ingleses e brasileiros nos portos, ou mesmo a introdução de jogos de bola em instituições de ensino, toda a organização do esporte nas suas primeiras décadas se dá nos núcleos dominantes da sociedade, seja em São Paulo e Rio de Janeiro, grandes centros do país no início do século XX, ou no Rio Grande do Sul, local de nosso objeto do estudo.

Da mesma forma que a prática do esporte que acaba sendo visibilizada fica dentro destes círculos, o público que o acompanha também acaba por ter essa diferenciação. Se os jogadores são sócios dos clubes nas primeiras décadas, não é diferente com quem os acompanha nos *matches*. Contudo, assim como os demais extratos da sociedade passam a mimetizar a prática do esporte, o mesmo acontece nas arquibancadas, onde o público se divide entre os sócios e as demais pessoas interessadas na nova programação dos fins de semana no país. Obviamente os lugares não são os mesmos, mas vê-se o duplo interesse da população em geral tanto na prática quanto na assistência do jogo.

Assim, o esporte e o seu público fazem parte de um mesmo processo civilizatório, que visa educar e controlar as massas, uniformizando seu comportamento através de regulamentos, leis, códigos, fazendo com que venham a se adequar aos ideais de nação daquele momento histórico. Veremos como surgem as primeiras organizações torcedoras já dentro do contexto do Estado Novo e suas diferenças com relação ao que havia antes delas e o que surgiu depois.

#### 3.1 Os primeiros passos do esporte bretão

A origem mítica do futebol no Brasil é sempre creditada a Charles Miller, estudante que retorna da Inglaterra em 1894 trazendo consigo livro de regras e os equipamentos necessários para iniciar a prática do esporte que aprendeu no alémmar. Tal origem, segundo Hilário Franco Júnior (2007, p. 61) “privilegiou as elites como protagonistas da história brasileira e apegou-se à ficção da concessão de

direitos promovida pelos setores dominantes”. Contudo, o esporte já era praticado de forma incipiente décadas antes nas escolas de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Desta forma, temos duas formas de difusão do esporte Brasil afora.

Uma delas, talvez a principal por orientar toda a organização do esporte nas décadas seguintes, é a criação de equipes e ligas dentro dos núcleos dominantes da sociedade brasileira. Em São Paulo, com Charles Miller, ocorreu a criação do primeiro clube de futebol organizado e da primeira Liga<sup>1</sup> visando organizar as disputas esportivas entre os clubes nascentes. No Rio de Janeiro, com Oscar Cox, ocorreu a fundação do Fluminense Futebol Clube e posterior organização da Liga Metropolitana de *Football*, a partir de 1905. Essa lógica de organização traduz não só o sentimento dessa elite como legítima herdeira do futebol inglês, como também reproduz a excludente estrutura política nacional (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 63).

Já a outra forma de difusão, foi fruto da capacidade de mimetização das classes médias e subalternas da sociedade aliada a um senso de organização e rompimento das barreiras sociais no país. Assim, diversos clubes surgiram nos bairros afastados dos centros, disputando partidas em terrenos baldios e sem equipamentos adequados. A origem do Sport Club Internacional, em Porto Alegre, segue um pouco essa lógica, originando-se nas camadas médias, com comerciários e estudantes vindos do interior do estado, praticando esporte em campos precários como o da Rua Arlindo, no território negro<sup>2</sup> da Ilhota<sup>3</sup>, ou no Campo da Várzea, onde hoje se encontra o Parque Farroupilha.

A tensão entre clubes da elite e clubes populares e a frequente tentativa de reafirmação das elites como “donas” do esporte, deixa claro o objetivo de controle não só do esporte, como também das massas populares como bem afirma Da Matta (1994, p. 13):

---

<sup>1</sup> Charles Miller é um dos fundadores do São Paulo Athletic Club e também da Liga Paulista de Futebol, entidade que organiza os primeiros campeonatos da cidade de São Paulo.

<sup>2</sup> O conceito é utilizado de acordo com a significação dada na dissertação de mestrado de Daniele Vieira, onde “território negro é aqui concebido como espaço físico e simbólico configurado a partir da função (de habitação, trabalho, lazer etc.) e/ou de práticas culturais (como o batuque, o carnaval, a religiosidade etc.) exercidas por mulheres e homens negros, cuja significação é construída a partir da presença negra e/ou das atividades desenvolvidas por estes” (VIEIRA, 2017, p. 8).

<sup>3</sup> A Ilhota era uma área de Porto Alegre circundada por uma das curvas do Arroio Dilúvio, após o seu encontro com o Arroio Cascatinha. Localizava-se ao sul da Praça Garibaldi, entre a Rua Arlindo (atual Rua Érico Veríssimo) e a Rua 13 de maio (hoje, Av. Getúlio Vargas), tendo como limite sul a Rua 17 de Junho. Era uma zona pobre da cidade habitada majoritariamente por uma população negra (VIEIRA, 2017, p. 121).

[A] função [do esporte] no mundo moderno tem uma ligação íntima com dois aspectos fundamentais da vida burguesa. O primeiro é a disciplina das massas que o esporte ensina e reafirma, quando exige que todos cheguem aos estádios em horas certas, pagando corretamente as entradas. E o segundo é a sua ligação íntima com a idéia de *fair-play*, pois esporte trivializa a vitória e a derrota.

Dentro desta iniciativa de controle, estava a ideia de manutenção do esporte como prática amadora, como bem afirma Toledo (2000a, p. 57-58):

“Até o final dos anos 30 ainda se podia observar a permanência de um *ethos* que vivenciava o jogo como exercício físico, adestramento e manutenção individual do corpo ante as solicitações de uma vida moderna que despontava nas principais cidades”.

Contudo, essa manutenção se tornou um grande desafio precisamente a partir da criação de clubes nas camadas médias e baixas da sociedade. Se nas primeiras décadas de futebol organizado no país predominava o *fair-play* e os ideais de cavalheirismo que permeavam a prática do esporte, nas décadas seguintes a sede de vitória aliada à quebra de barreiras sociais levasse os clubes a remunerar seus jogadores de forma escamoteada. Era o chamado “amadorismo marrom”, fenômeno que se tornou o centro das maiores disputas dentro da organização do esporte até a sua profissionalização oficial na década de 1930. Esse fenômeno revela um outro que ocorreu de forma concomitante. Com a crescente popularização da prática esportiva ocorrendo na base, ou seja, a partir da inserção de jogadores de fora dos círculos de elite das cidades brasileiras, houve o deslocamento dos primeiros atletas para os cargos diretivos dos clubes e federações municipais e estaduais, onde continuaram (e seus herdeiros continuam) a exercer o controle do esporte. Para além da prática esportiva, estas elites buscavam controlar também as arquibancadas. Se durante muito tempo o acesso a alguns estádios era restrito a sócios ou havia uma grande separação entre sócios e o restante da assistência, com o passar do tempo, o controle dessas massas passou a se dar a partir da tentativa de uniformização do comportamento. Um exemplo disso ocorreu logo após o Campeonato Sul-Americano de 1919, conquistado pela Seleção Brasileira. No ano seguinte, houve a publicação de uma legislação específica visando normatizar o

comportamento do público nos estádios<sup>4</sup>. Já no Sul-Americano de 1922, devido à empolgação do público presente, foi tomada uma medida que obrigava os espectadores a assistirem os jogos sentados nas cadeiras numeradas e arquibancadas (MALAIA, 2012, p. 74). Da mesma forma, as primeiras organizações torcedoras, que abordaremos mais adiante, também serviram como forma de normatização e controle do público nos estádios.

### **3.2 Dos primeiros públicos ao esporte de massa**

Assim como os membros dos primeiros clubes eram membros da elite, o mesmo ocorria com o público dos jogos de futebol. Nos primeiros anos do esporte no país, os pavilhões sociais dos clubes, como o próprio nome já deixa transparecer, era repleto de sócios das agremiações e familiares. Neste contexto, cabe destacar a presença feminina nas arquibancadas. Segundo Malaia (2012, p.62), “apesar da proibição de que mulheres fossem sócias, as esposas e filhas solteiras dos sócios podiam freqüentar o clube como dependentes, sem ter que pagar mensalidades, nem ingressos para os jogos de futebol”. Isto fazia com que os eventos esportivos apresentassem um grande público feminino, possibilitando inclusive que flertes e arranjos em torno de namoros e casamentos ocorressem durante as partidas de futebol. Além de sua presença, seu comportamento dentro dos estádios também chamava a atenção da imprensa da época fazendo surgir a expressão com a qual o público do futebol viria a ser conhecido no Brasil: torcedores ou torcedoras. Isso se deveu principalmente ao ato de torcer os lenços levado a cabo pelas mulheres que se encontravam nas arquibancadas, ato este que se somava aos gritos, pulos e gestos das mesmas. É curioso notar o contraste entre as ações de jogadores e torcedores. Enquanto que “jogar futebol exige um imenso desempenho físico e forte controle nervoso [o ato de torcer] implica uma tremenda descarga nervosa, com grande controle físico” (SEVCENKO, 1994, p. 36). Contudo, a presença feminina nos estádios perdeu força durante a década de 1920. Malaia (2012, p. 69-70) aponta a hipótese de que a abolição da gratuidade do ingresso para acompanhantes de sócios, aliado à crescente caracterização dos eventos esportivos como ambientes

---

<sup>4</sup> O decreto n. 14.529 de 12 de dezembro de 1920 legislava sobre teatros, cinemas, prados de cavalo, campos de football e outros desportos. No capítulo XI, artigo 33, estabelecia os deveres dos presentes em espetáculos públicos. Para mais informações, consultar BRASIL (1920, p. 20.700-20.705).

não-familiares, fez com que as mulheres deixassem de comparecer em grande número aos estádios.

Em contrapartida ao público formado por sócios e familiares, havia um público espontâneo que afluía para os *grounds* para fazer parte do novo programa da sociedade brasileira. As camadas de fora dos círculos das elites, também passaram a apreciar o novo esporte, levando a imprensa da época a criar uma forma de identificar estes grupos. Toledo (2000a, p. 56) afirma que “*assistência* foi um termo muito comum na imprensa esportiva até os anos 1930, definindo o status dos torcedores mais populares, que se contrapunham aos sócios, indivíduos notabilizados por laços mais estreitos [...] com os integrantes dos clubes”. Mesmo que esta expressão apareça com destaque durante todo este período, concomitantemente há o processo de criação de uma palavra que designasse o público que ia aos estádios no país. Apesar do surgimento desta palavra a partir da observação das ações do público feminino, Malaia (2012, p. 79-83) analisa o caminho percorrido pelo vocábulo “torcedor” em diversos dicionários desde o século XIX. Através de seu texto, traz à tona a primeira significação esportiva do verbo “torcer” em 1926, sendo que ao final da década de 1930, já apareciam os verbetes “torcida” e “torcedor” com significações esportivas.

Durante décadas de esporte bretão no país, vê-se a popularização não somente de sua prática, como a ampliação de seu público. Contudo, nada se compara com o que acontece a partir do Governo Vargas. A utilização do esporte para criação de uma identidade nacional e a sua massificação a partir de então, com o uso dos primeiros grandes estádios do país por Vargas (São Januário no Rio de Janeiro e Pacaembu em São Paulo) é um fenômeno sem precedentes com inúmeros desdobramentos nos anos seguintes. Um desses desdobramentos é o surgimento das organizações torcedoras ao final da década de 1930, já dentro do Estado Novo, portanto.

### **3.3 As primeiras organizações torcedoras**

Vimos que até o início da década de 1930, o público dos estádios, ainda que diverso, atendia a uma lógica que não se preocupava com a inclusão dos torcedores com menor poder aquisitivo. Ao menos não da forma como a inserção destes se dá a partir do golpe de 1930. Esta crescente massificação do esporte estava atrelada a

uma ideia do governo Vargas em consonância com a ideologia fascista de utilização do esporte como símbolo do regime<sup>5</sup>, da mesma forma que a ideologia nazista procurou fazer com os Jogos Olímpicos de 1936. Além de ocupar as massas com o entretenimento do esporte, os regimes buscavam ainda disciplinar essas massas, fosse através de atitudes autoritárias, fosse através de subterfúgios mais sutis.

É dentro deste contexto, já no regime do Estado Novo, que surgem as primeiras organizações torcedoras, embriões do que hoje conhecemos como torcidas organizadas, fenômeno amplamente estudado em suas mais variadas nuances. Nesse sentido, destacamos duas torcidas que contam com vasta bibliografia a seu respeito no centro do país e duas iniciativas locais posteriores ao DCP que será abordado no item 4 deste trabalho: em São Paulo há a Torcida Uniformizada do São Paulo (TUSP) e no Rio de Janeiro a Charanga Rubro-Negra; já em Porto Alegre há o Departamento do Torcedor Gremista e o Departamento de Torcida do Grêmio Esportivo Renner, clube da capital rio-grandense já extinto.

Segundo Toledo (2000a, p. 59-60),

“costuma-se identificar a torcida uniformizada do São Paulo, fundada em 1940, como a iniciativa pioneira entre essas organizações torcedoras. Em 1942, o funcionário federal Jaime Rodrigues de Carvalho fundava a Charanga, dedicada ao Clube de Regatas do Flamengo, na cidade do Rio de Janeiro. Esses modelos de associações paulatinamente se espalharam por todo o Brasil”.

Veremos que apesar de as torcidas de São Paulo e Flamengo serem sempre destacadas como as primeiras do país, o DCP de Vicente Rao foi a segunda organização torcedora brasileira, fundada em 1940. E após a sua fundação, outras equipes de Porto Alegre seguem o mesmo caminho. Duarte (2012, p. 34-35) menciona a criação do departamento Pela Pujança do Grêmio em 1942 e a sua consolidação através do Departamento do Torcedor Gremista em 1946. Já Horn & Mazo (2009, p.7-8) citam a criação do Departamento de Torcida do Grêmio Esportivo Renner em 1946.

Essas organizações torcedoras possuem características que as diferenciam das torcidas organizadas que surgem na segunda onda, ao final da década de 1960. Toledo afirma que

---

<sup>5</sup> Hilário Franco Jr. traça um panorama resumido da influência fascista nas Copas de 1934 e 1938, e de como o futebol se dobrou à vontade política do regime fascista naquela década (2007, p. 50-52).

“essas torcidas nasceram inspiradas e bastante delineadas pelas fortes motivações ideológicas da época, cuja sensibilidade política estava alicerçada e difundida em torno das ideias de raça, nação, ordem e, sobretudo, juventude” (TOLEDO, 2000a, p. 61).

Embora seja curioso notar que em meio a um contexto de constante tentativa de normatização, surjam torcidas com ideais festivos dentro dos estádios. Contudo, isso denota a delimitação dos locais onde se poderia ter certas atitudes nas arquibancadas. Em 1943 “A *Gazeta Esportiva* e a Rádio Gazeta promoveram o primeiro campeonato paulistano de torcidas uniformizadas. Tal iniciativa buscava normatizar a conduta torcedora dentro dos estádios” (TOLEDO, 2000a, p. 60). Estes concursos visavam coroar a melhor torcida através de critérios bem estabelecidos e muito parecidos com o que se usava nas avaliações das competições carnavalescas do período e se alinhavam com os princípios estadonovistas. Segundo Toledo (2000a, p. 62), “o papel atribuído a esses conjuntos de torcedores era, preponderantemente [...], propagar o futebol oficial dos clubes, dos dirigentes e demais artífices dos espetáculos futebolísticos”. Ou seja, diferentemente das torcidas organizadas do final da década de 1960, as primeiras organizações torcedoras não tinham nenhum intuito reivindicatório ou crítico. E isso se devia principalmente ao fato de estas organizações fazerem parte dos clubes como departamentos. Assim como um órgão do governo Vargas que sempre fará de tudo para aparentar o melhor, estas organizações preocupavam-se apenas em apoiar os seus clubes incondicionalmente. E esta é outra diferença crucial entre as organizações de cada fase. Enquanto as torcidas organizadas a partir da década de 1960 possuem estatutos próprios e eleições para presidência das mesmas, as primeiras organizações eram vinculadas diretamente aos clubes tendo uma figura totalmente diferente como liderança. O chamado *torcedor-símbolo*, que em realidade era apenas o chefe de torcida, e não um presidente, se destacava em cada uma delas. No São Paulo, Laudo Natel; no Flamengo o incansável Jaime de Carvalho; no Grêmio, Salin Nigri; no Renner, Darci Ferreira<sup>6</sup>; e no Inter veremos adiante sobre a figura de Vicente Rao. Estes personagens detinham não só o controle da torcida, como eram responsáveis por reuni-la em dias de jogos e expandi-la. Sobre Jaime de Carvalho ainda, Toledo (1996, p. 102) afirma que o histórico líder da Charanga

---

<sup>6</sup> O trabalho de Horn & Mazo (2009) menciona Darci somente a partir de 1953 como torcedor-símbolo do Departamento de Torcida do Renner, sem fazer menção a nomes anteriores desde o surgimento da primeira tentativa de uma torcida organizada em 1946.

Rubro-Negra havia sido sócio e até remador do clube. Veremos no próximo capítulo que a trajetória do colorado Vicente Rao se assemelha com a do rubro-negro Jaime de Carvalho.

## 4 O DCP DO SPORT CLUB INTERNACIONAL

Assim como o São Paulo teve a TUSP como pioneira no centro do país em 1939, o Internacional teve o Departamento de Cooperação e Propaganda em 1940. Até onde se encontram registros, foi a segunda torcida organizada criada no Brasil ainda antes da Charanga Rubro-Negra, outra das precursoras no centro do país. Para compreender o processo que leva à criação do DCP, é necessário traçar um paralelo com a história do Sport Club Internacional e ainda a ligação do seu torcedor-símbolo com o clube.

### 4.1 O Sport Club Internacional em suas primeiras décadas

O Sport Club Internacional foi fundado em 4 de abril de 1909 dentro de um processo inicial de popularização do futebol na cidade de Porto Alegre. Segundo Soares (2014, p. 68-69),

“o ano de 1909 começa com muitas notícias sobre o *association*. As festividades do *Fuss-Ball* em comemoração à vitória no *Wanderpreis* do ano anterior, o Grêmio se preparando para iniciar a temporada, as tratativas para a visita do Sport Club Rio Grande, porém a mais importante é, sem dúvida, a fundação de outros tantos clubes, que viriam a mudar o panorama esportivo da cidade. Além do Internacional, vieram, Militar, Nacional, 7 de Setembro e mais o Frisch Auf, fundado no ano anterior”.

O ano de fundação do Internacional, portanto, marca a fundação de diversas outras agremiações visando a prática do esporte bretão. É evidente que esta popularização, nos primeiros anos do século XX, ocorreu de forma excludente, como no restante do país. *Fuss-Ball* e Grêmio, as duas equipes mais antigas e que disputavam o *Wanderpreis*, possuíam membros da elite teuta da capital gaúcha; já o *Frisch Auf* era ligado à Sociedade *Turnerbund*, que mais tarde trocava de nome se tornando a Sociedade de Ginástica Porto Alegre (Sogipa), mas ainda naquela época também com origem na comunidade teuta; o Militar era formado por estudantes da Escola de Guerra, que mais tarde se tornaria o Colégio Militar; e o próprio Internacional era formado por membros do comércio, profissionais liberais e estudantes<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> A dissertação de mestrado de Ricardo Santos Soares (2014) aborda de forma pormenorizada a fundação dos diversos clubes de futebol, seus primeiros componentes (quando possível através de

Sua fundação é creditada aos irmãos Poppe, Henrique, José e Luís, que teriam sido os principais impulsionadores do novo clube. Contudo, sem que tenhamos um consenso para afirmar as razões disto de forma definitiva, uma quantidade de pessoas maior que a esperada compareceu à reunião de fundação no porão da casa dos pais de João Leopoldo Seferín, que acabou sendo escolhido como primeiro presidente do clube apesar de sua ligação com o ciclismo e não com o futebol. Suas cores, o vermelho e branco, provém da Sociedade Venezianos, cores estas escolhidas mediante votação em detrimento à proposta das cores verde e branca, da Sociedade Esmeraldinos, ambas tradicionais sociedades carnavalescas do século XIX e renascidas em 1906<sup>2</sup>. A participação de membros dos dois blocos teria sido incentivada como forma de apaziguar os ânimos de ambos, devido às animosidades ocorridas nos festejos de carnaval de 1909<sup>3</sup>.

Este novo clube que nasce de raízes diversas, contudo, encontrava-se ainda dentro da lógica excludente da sociedade da época. Sua mensalidade no primeiro ano de existência era de quinhentos réis (SANTOS, 1983, p. 37), enquanto a mensalidade do Grêmio era de dois mil réis já em 1905 (SOARES, 2014, p. 76). Mesmo assim, não era um valor capaz de atrair as camadas mais baixas da sociedade para os seus quadros associativos. Isto reforça a ideia já colocada de que havia um caráter aristocrático nas primeiras décadas do futebol brasileiro, onde apenas os “melhores membros da sociedade”, para usar uma expressão muito usada na época, é que faziam parte dos quadros dos primeiros clubes. O mesmo acontece na formação da Liga Porto-Alegrense de *Foot-Ball* (LPAF), fundada em 12 de abril de 1910, por iniciativa de Oswaldo Siebel, presidente do Grêmio Porto-Alegrense entre 1904 e 1906, sendo ele o responsável por fazer os convites às agremiações (SOARES, 2014, p. 98) que, neste momento, incluíram somente sete equipes: Grêmio, *Fuss-Ball*, Internacional, Militar, Nacional, *Frisch Auf* e 7 de

---

suas fontes) e o desenvolvimento da Liga Porto-Alegrense de *Foot-Ball* entre os anos de 1903 e 1918.

<sup>2</sup> Cabe ressaltar que o carnaval do final da primeira década do século XX estava longe da festa popular que se tornaria anos depois. O item 1.4 da dissertação de mestrado de Caroline Leal (2013, p. 52-65) traça um panorama sobre o ressurgimento das sociedades carnavalescas Esmeraldinos e Venezianos e o caráter elitista envolvendo este episódio.

<sup>3</sup> Napoleão Gonçalves (apud. SANTOS, 1975, p. 10), diretor do Arquivo Público naquele momento, relata ter sido convocado como diretor da Sociedade Esmeraldinos para a reunião de criação de um clube de futebol visando a pacificação destes conflitos. Contudo, os membros dos Esmeraldinos teriam se retirado da reunião após a vitória da proposição das cores vermelha e branca para o novo clube, assim não assinando a ata de fundação. Napoleão Gonçalves era ainda irmão do veneziano e vice-presidente na primeira diretoria do clube, Pantaleão Gonçalves.

Setembro. Com a prática do futebol se expandindo, outros clubes tentariam fazer parte da Liga. No ano seguinte, segundo Soares (2014, p. 103), dois clubes despontavam como postulantes a participar da Liga: o Rio-Grandense e o Operário. O primeiro era o clube de Francisco Rodrigues, pai de Lupicínio Rodrigues, equipe formada por jogadores negros e mestiços; o segundo, como diz o nome, formado por operários. Entretanto, a Liga divulgou seus estatutos no início de 1911, onde constavam diversas exigências financeiras, que acabariam por realizar uma clivagem sócio-econômica para participação nos seus campeonatos.

“Com relação às taxas a serem pagas seriam: inscrição na Liga, na importância de 50\$000; aprovada a filiação, o clube pagaria a título de joia, a taxa de 200\$000; contribuição anual de 40\$000; e 5\$000 mensais pagos adiantadamente.

Mas digamos que algum clube indesejado ainda assim satisfizesse todas as exigências financeiras, o § 5º do artigo XIII parece ser absoluto com relação à possibilidade de qualquer nova agremiação filiar-se. Ele era então o mecanismo definitivo para separar estes indesejáveis, pois diz simplesmente que a Liga podia recusar a inscrição de qualquer clube” (SOARES, 2014, p. 104).

Este caráter elitista perdura no futebol porto-alegrense nas próximas décadas e acaba por ser o motivo de grande disputa dentro do Internacional. Antenor Lemos, um dos primeiros membros e presidente do clube entre 1920 e 1922, era um dos grandes defensores da prática amadora. Foi um dos criadores da já citada Lei do Estádio, de 1917, que impediu que quatro jogadores uruguaios se somassem às fileiras do Grêmio (item 2.2). Em sua gestão frente ao clube alvirrubro, Antenor Lemos foi pioneiro na formação de atletas, alçando os “filhotes” – equivalentes aos juvenis de hoje - ao time principal e chegando ao título citadino em 1922 (SANTOS, 1983, p. 55). Contudo, nos anos seguintes, assim como no restante do país, o Internacional passa pelo processo de adoção do “amadorismo marrom”, em que os jogadores recebiam remunerações e premiações de forma escamoteada, gerando conflitos entre Antenor Lemos e a ala que visualizava outra forma de montar as equipes<sup>4</sup>. Por sugestão do próprio, Ildo Meneghetti acaba por ser aclamado presidente do Internacional em 1928, assumindo a presidência no ano seguinte e

---

<sup>4</sup> Thiago Mauer trabalha este conflito em “Do profissionalismo corruptor aos braços do povo: o S.C. Internacional e o futebol porto-alegrense (1909-1940) trazendo defesas acaloradas do amadorismo no futebol dentro do Conselho Deliberativo do Internacional (2018, p. 33-41). Nestes embates, Antenor Lemos chegou a ser expulso do quadro social, por sugerir que Ildo Meneghetti estivesse utilizando dinheiro da construção do Estádio dos Eucaliptos para a contratação de jogadores profissionais (2018, p. 39-40).

entrando em rota de colisão justamente com Lemos. Vendo a grave crise em que o clube se encontrava, despejado da Chácara dos Eucaliptos, sem ter acumulado patrimônio nas primeiras duas décadas de existência, Meneghetti toma para si a tarefa de elevar o clube a um novo patamar, projetando a construção de um novo estádio – o Estádio dos Eucaliptos, inaugurado em 1931 – e levando o clube de vez em direção à profissionalização, conquistando o título gaúcho de 1934 em meio ao predomínio dos clubes da fronteira com o Uruguai, verdadeiras potências devido ao poderio financeiro da pecuária e à troca cultural no jogo de bola com o país vizinho. Nesse contexto, o clube possuía o jogador negro Tupan, que marca o gol do título, e o destaque vindo de Livramento, Darci Encarnação. No restante da década de 1930, o Internacional se insere no contexto da profissionalização do futebol que ocorreria em 1937. E a partir de 1939, montou a maior equipe de sua história até então: o Rolo Compressor da década de 1940, formado por boa parte de jogadores negros que vinham se inserindo paulatinamente no clube desde Dirceu Alves, meia dos anos finais da década de 1920.

#### **4.2 Vicente Rao e o Departamento de Cooperação e Propaganda**

É impossível dissociar o Departamento de Cooperação e Propaganda da figura de Vicente Rao, assim como é impossível dissociar a sua figura do Sport Club Internacional. Nascido em 4 de abril de 1908, em uma daquelas coincidências poéticas<sup>5</sup>, Vicente Lomando Rao tem sua trajetória na vida adulta se confundindo com a do Internacional<sup>6</sup>.

“Em 1926, fui treinar no Inter. Eu era centromédio. Gostaram de mim. Tanto que na semana seguinte joguei no lugar de Lampinha, um grande astro. Foi contra o São José, pelo campeonato [citadino]. Ganhamos de 4 x 1 e até fiz um *goal*. Fiquei até 1932, mas sempre na reserva, pois era difícil tirar um dos titulares, principalmente o Ribeiro, que jogava de médio. Aí fundaram o Bancário. Como já trabalhava no Banco do Comércio, deixei o Inter. Mas continuei colorado” (GRANDES CLUBES BRASILEIROS, 1971, p. 44).

---

<sup>5</sup> A fundação do Sport Club Internacional se deu exatamente um ano depois do nascimento de Vicente Rao, no dia 4 de abril de 1909.

<sup>6</sup> Além de jogador (e muito provavelmente sócio) nas décadas de 1920 e 1930, Vicente Rao foi eleito conselheiro do clube em três oportunidades: 1943, 1953 e 1955; já em 1941, 1945, 1947, 1949 e 1951, Rao participou do pleito mas ficou somente como suplente ao Conselho Deliberativo (LIVRO DE ACTAS, 1919-1959).

Vicente Rao era reserva de ninguém menos que Ribeiro, centromédio que fazia dupla com Lampinha, dois dos destaques da equipe campeã gaúcha em 1927. Após sair do Inter, Rao continuou colorado mesmo, como o próprio deixa transparecer em seu relato sobre uma partida em que jogou pela equipe do Bancário contra o Internacional<sup>7</sup>, clube de seu coração:

“[...] certa vez jogamos contra o Internacional em disputa do campeonato da cidade. Era partida decisiva. Pouco antes de terminar, Honório, dos colorados, fez o gol da vitória para o seu clube. Delirei de contentamento. Pulei no meio do campo feito uma vaca chucra. Então meus companheiros disseram que eu era um vendido. Mas a verdade é que sempre fui dos colorados, de corpo e alma, tão colorado que embora jogando contra, não pude evitar aquela espontânea manifestação de alegria”<sup>8</sup>.

Ao mesmo tempo em que trabalhava e jogava futebol, Rao fez a sua trajetória dentro do carnaval de Porto Alegre<sup>9</sup>. Participante de diversos blocos como a Banda Filarmônica do Faxinal e Tira o Dedo do Pudim, para citar os mais famosos, Rao adquiriu reconhecimento da sociedade porto-alegrense, tornando-se o *Folião nº 1* da cidade e, com isso, inserindo-se em todos os estratos sociais da capital gaúcha. Segundo Germano (1999, p. 101), Vicente Rao tinha “grande representatividade junto à imprensa e a políticos, mas também entre os blocos e cordões populares, desde os mais humildes aos de mais alto poder aquisitivo”. Sua inserção junto à imprensa fica clara quando o vemos nas páginas do Diário de Notícias não só quando representava o Departamento de Cooperação e Propaganda, quanto nas notícias de carnaval da época. Muito da popularidade do DCP nos seus primeiros passos parece se dever à figura de Vicente Rao como torcedor-símbolo. Segundo ele próprio, andava “de casa em casa, a pé ou de bonde, para reunir a torcida” (GRANDES CLUBES BRASILEIROS, 1971, p. 44). Sua alegria e ar debochado ficam evidentes em um dos episódios mais conhecidos de sua trajetória frente ao DCP. Segundo a edição 395 da Revista do Globo (1945, p. 58),

“[em] certa ocasião, informaram a Rao que a torcida de um clube rival iria ao campo, no dia seguinte, disposta a fazer maior ‘carnaval’ do que seria capaz

<sup>7</sup> O único confronto entre Internacional e Bancário com gol de Honório (que marcou duas vezes na partida), ocorreu no dia 10 de maio de 1931, placar de 5 a 2 para os rubros.

<sup>8</sup> Revista do Globo. 23 de fevereiro de 1946. P. 67.

<sup>9</sup> Para saber mais sobre a trajetória de Vicente Rao no carnaval de Porto Alegre, consultar a dissertação de mestrado de Íris Germano, intitulada “Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 40”. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1GQyl-tfo23id86gCQV21VoLVN6TSUvol/view>. Acesso em 9 de abr. de 2021.

de imaginar a 'hinchada' dos rubros. O 'chefe' do DCP não comentou a notícia. Mas na hora da partida, quando os torcedores rivais, efetivamente, iniciaram a barulhada, Rao desdobrou e fez circular pelo campo um enorme dístico assim redigido: 'Imitando os negrinhos, hein!'. Arrefeceu completamente o entusiasmo dos contrários..."<sup>10</sup>

Um dos pontos que merece destaque no relato deste episódio é a imagem de clube formado por jogadores negros que o Internacional possuía. O episódio é relatado em 1945, ano em que o clube conquista o inédito hexa-campeonato gaúcho consecutivo com um grupo de jogadores composto por vários atletas negros. É sintomático que após a profissionalização e à massificação do uso destes atletas, a equipe colorada tenha tomado a hegemonia do futebol estadual graças ao acréscimo de qualidade trazido por eles, enquanto outras equipes resistiam na utilização destes jogadores, gerando a pecha de "time de negrinhos" utilizada pelos torcedores adversários, dentre os quais se inclui o tradicional rival, o Grêmio. O episódio e o próprio dístico exibido por Vicente Rao e o DCP são representativos não só daquilo que se percebia na composição da torcida colorada, mas também do processo de composição do grupo de jogadores do Internacional, em detrimento aos atletas das equipes adversárias. A diversidade racial advinda do profissionalismo, a qual avançou rapidamente e se consolidou através da equipe seis vezes campeã gaúcha consecutiva, abriu as portas para jogadores negros em outras equipes da cidade e do estado<sup>11</sup>. Além disso, este episódio é tão simbólico e representativo não só do DCP e de Vicente Rao, que acreditamos ter sido um dos elementos que construiu a identidade do Internacional como "Clube do Povo", propagada até hoje institucionalmente pelo clube. Ainda, o dístico "Imitando os negrinhos, hein?" foi reproduzido, mesmo que em outras palavras, por um agrupamento torcedor conhecido como Discípulos de Rao<sup>12</sup>, merecendo também, por tudo isso, destaque no título do presente trabalho.

Nota-se ainda que em 1945 Rao já possui a imagem de "chefe" da torcida para a imprensa, assim como seus contemporâneos Laudo Natel, da TUSP, e Jaime de Carvalho, da Charanga Rubro-Negra. Contudo, na criação do Departamento Rao

---

<sup>10</sup> Este episódio é narrado novamente na edição 405 da Revista do Globo (1946, p. 67) e também pelo próprio Rao em entrevista para a revista Grandes Clubes Brasileiros (1971, p. 44).

<sup>11</sup> Para saber um pouco mais sobre este processo, ver o Trabalho de Conclusão de Curso de Mauer (2018), onde o autor defende a hipótese de que o sucesso da equipe colorada da década de 1940 auxiliou no processo de inserção dos jogadores negros nas grandes equipes gaúchas.

<sup>12</sup> O dístico foi reproduzido com a frase "Imitando crioulo, hein?", diferente do que aparece no relato de Vicente Rao e nas matérias da Revista do Globo pesquisadas.

ainda não era identificado desta forma pelos veículos de comunicação. Vejamos, portanto, o desenvolvimento do DCP a partir da imprensa da época, para compreendermos a preponderância de Vicente Rao e também as formas de atuação diversificadas do departamento.

O Diário de Notícias de 14 de junho de 1940 convocava todos os torcedores do Internacional a tomarem parte em uma importante reunião na sede do clube:

Os colorados querem, a todo o transe, sem medir esforços ou sacrifícios, manter a situação privilegiada que ostentam, merecidamente, no presente certame de futebol.

Cavedine e Dilorenzi não poupam esforços. Todos os treinos lá estão eles orientando o XI rubro, acompanhando os próprios ensaios para maior estímulo e corrigindo os erros e defeitos.

Mas não basta isso. O futebol oferece complexos extraordinários. Por iniciativa, de Carlos Dilorenzi, desenvolver-se-á outra campanha dentro da família colorada, no intuito de estimular os cráques e coordenar a “maior torcida da cidade”.

Reclamam contra a torcida, que às vezes achincalha o jogador em vez de incita-lo. Acusa-se, muito frequente, sem motivos plausíveis, o arbitro, indispondo-o contra o clube. A propria diretoria não compensa á altura, talvez em face de outros compromissos, os exitos registrados. Por estes e muitos outros motivos, os colorados vão convocar uma reunião de todos os associados, com o apoio incondicional do primeiro mandatario, no sentido de congregar as forças. Será organizado uma “comissão de 40” que procurará cooperar com a diretoria, na “hora dos sacrificios”. Afirma-se, abertamente, que a colaboração não será material, mas sim moral.

A reunião está marcada para hoje às 20,30 horas. Todos os associados e torcedores estão convocados para a reunião de logo á noite na séde, á rua Capitão Montanha 117<sup>13</sup>.

Dois dias depois, o mesmo jornal noticiava a criação do DCP<sup>14</sup> e as bases que regiam seu funcionamento:

Compareceram a reunião de anteontem, promovida por sócios do Internacional apesar do máu tempo, 104 associados e simpatizantes do clube colorado.

A reunião foi aberta pelo desportista Peri Azambuja Soares, que convidou o presidente do Internacional, sr. Hoche de Almeida Barros para presidi-la.

Após, por espaço de mais de uma hora, falou o desportista Pery Azambuja Soares, que em linhas gerais dissertou com referencia a nova iniciativa dos “aficionados” do “mais querido clube da cidade”.

Os pontos principais que o novo Departamento que se denominará “Pró cooperação e propaganda” defenderá são os seguintes:

- 1º - Estreita ligação com a direção do clube;
- 2º - Incentivo por todas as formas ao “onze” colorado.
- 3º - Disciplina ferrea na “torcida rubra”.
- 4º - Apoio decisivo a todas as iniciativas do clube.

<sup>13</sup> Diário de Notícias. 14 de junho de 1940. P. 6.

<sup>14</sup> Diversas vezes o nome do Departamento de Cooperação e Propaganda aparece com a ordem das palavras que formam o acrônimo invertidas ou, como na notícia de criação, com um nome ligeiramente diferente do usualmente conhecido.

5º - Criação de um “bureau de Propaganda”

6º - Reiniciar imediatamente a Campanha dos “Dez Mil”. Tendo sido aprovado esse programa de ação foi então procedido a eleição dos membros da grande Comissão.

O desportista Peri Azambuja Soares indicou para presidente da referida comissão o conhecido desportista dr. José Azevedo e Silva, o qual foi delirantemente aclamado pelos presentes. A seguir foram escolhidos os demais componentes<sup>15</sup>.

Uma versão ligeiramente diferente dos itens do programa aparece no “Histórico 40-41-42” de J. Pompeo ([1942?] p. 16):

1º - estreita ligação com a direção do clube;

2º - arregimentação e disciplina da “torcida rubra”;

3º - cooperação decidida com o departamento técnico;

4º - criação do “Bureau de Propaganda”;

5º - reinício da campanha dos “Dez mil sócios”;

6º - adotar a divisa: Goals e mais Goals!

O que se pode observar claramente é a tentativa de disciplinar a torcida colorada em torno do apoio à equipe. Torcida esta que em muitos momentos criticava os seus jogadores, como se pode ver na notícia de 14 de junho de 1940. Assim como o DIP de Vargas, o DCP colorado visava homogeneizar a torcida colorada através do comportamento de apoio incondicional, evitando dissonâncias em sua torcida. Da mesma forma, trabalhava junto à imprensa e diretamente com o público de futebol para ampliação do número de seus aficionados. A campanha dos “Dez mil sócios” era uma das estratégias para a arregimentação de novos torcedores. Para todo esse escopo de ação, o DCP precisava funcionar de forma estreitamente conectada à direção do clube, da mesma forma que o DIP se ligava a Vargas. Destacamos como grande diferencial com relação aos registros sobre outras organizações torcedoras daquele período, a criação do “Bureau de Propaganda”. Sempre que se menciona a TUSP e a Charanga Rubro-Negra, para ficar nas duas principais organizações do centro do país, se fala de sua atuação nas arquibancadas e junto aos torcedores. O DCP já incluía uma gama muito mais ampla de atuação. Nas fontes pesquisadas, não se evidencia de que forma esta propaganda era feita. Entretanto, uma matéria de 1945 da Revista do Globo nos dá um indício:

O E. C. Internacional também conta com um “Departamento de Cooperação e Propaganda”, espécie de “Dipizinho” particular que trata das relações do

<sup>15</sup> Diário de Notícias. 16 de Junho de 1940. P. 10.

clube com a imprensa, com o rádio, etc. Outra finalidade do “Dipizinho”: congrega a torcida do clube, organizando campanhas, “inventando” meios de apoiar o time nas jogadas e de premiar os jogadores [...].

A entusiasmada turma do Ráio também está encarregada de organizar o “carnaval”. O “carnaval”, de acordo com a gíria esportiva, significa: manifestações de apoio aos jogadores em campo. Esse apoio é concretizado com o auxílio de serpentinas, rojões, foguetes, confetis, papel picado, etc., o que vem emprestando certo cunho de originalidade aos nossos prêmios esportivos. [...]

Ainda compete ao “Departamento”, neutralizar a torcida adversária. É com essa finalidade que surgem os desenhos, as caricaturas, os dísticos e as piadas que, impressas ou mimeografadas, são distribuídas pelos cafés e outros pontos de reunião dos esportistas da cidade<sup>16</sup>.

Para além do “carnaval” nas arquibancadas, atividade fim na qual automaticamente se pensa quando o assunto é torcida organizada, nota-se uma miríade de atividades bastante distintas. Chama a atenção que uma de suas formas de atuação seja a de tratar “das relações do clube com a imprensa”, aproximando o DCP do DIP. O bom relacionamento do clube com a imprensa nos parece ter ocasionado uma boa visibilidade do clube e do próprio DCP, além de garantir uma boa imagem de ambos nos meios de comunicação. Prova disso é que o clube e sua torcida são tratados diversas vezes por alcunhas elogiosas como “clube mais querido da cidade”<sup>17</sup> e “maior torcida”<sup>18</sup> da cidade ou do sul do país, respectivamente, além da alcunha “rolo compressor”<sup>19</sup>, que nos parece erroneamente creditada à equipe da década de 1940, quando aparenta ser uma forma de tratamento dada ao clube através da figura de Ari Lund<sup>20</sup>. Tudo isso nos leva a pensar no DCP de uma forma diferente das demais organizações torcedoras do período, referenciadas nas bibliografias consultadas pela sua festa nas arquibancadas, suas faixas, criação de cantos e pelas competições entre torcidas fomentadas pela imprensa (BRAGA, 2010; HOLLANDA,

<sup>16</sup> Revista do Globo. 29 de Setembro de 1945. P. 58.

<sup>17</sup> Diário de Notícias, 16 de junho de 1940, p. 10; 28 de julho de 1940, p. 14; 8 de agosto de 1940, p. 8; 3 de junho de 1941, p. 8; 28 de março de 1942, p. 8; 24 de junho de 1942, p. 8; 13 de outubro de 1942, p. 6.

<sup>18</sup> Diário de Notícias, 14 de junho de 1940, p. 6; 19 de junho de 1940, p. 8; 28 de julho de 1940, p. 14; 1 de fevereiro de 1942, p. 10; 27 de março de 1942, p. 8; 29 de setembro de 1942, p. 6.

<sup>19</sup> Diário de Notícias, 7 de agosto de 1940, p. 6; 1 de novembro de 1940, p. 6; 5 de novembro de 1940, p. 17; 30 de dezembro de 1940, p. 7; 29 de abril de 1942, p. 8; 22 de maio de 1942, p. 6; 10 de junho de 1942, p. 8; 29 de setembro de 1942, p. 6; 13 de outubro de 1942, p.6; 25 de outubro de 1942, p. 12.

<sup>20</sup> A Agenda Histórica de Maio de 2008, no site antigo do Sport Club Internacional, menciona o dia 19 de maio de 1940 como a data em que Ari Lund, jornalista do Diário de Notícias, teria adotado a expressão “rolo compressor” para se referir ao Internacional. Ari Lund seria, segundo a nota, árbitro, conselheiro colorado e presidente do Esporte Clube Cruzeiro, de Porto Alegre, em 1939. Contudo, a expressão aparece primeiro na edição do dia 18 de maio de 1940, e não 19 de maio. Disponível em: <https://legado.internacional.com.br/conteudo?modulo=2&setor=18&codigo=6751>. Acesso em: 12 abr. 2021.

2012; TOLEDO, 1996; TOLEDO, 2000a; TOLEDO, 2000b). Por outro lado, o DCP possuía uma atuação distinta, com braços que se estendiam sobre a imprensa porto-alegrense, sobre a sociedade no sentido de arregimentação da torcida e neutralização da torcida adversária através de suas estratégias de propaganda, algo que não é visto nas demais organizações torcedoras do país e que nos parece um fenômeno circunscrito à capital rio-grandense. O DCP, portanto, realizava um grande esforço no sentido de trabalhar a imagem do Internacional através dos meios de comunicação, além de fazê-lo chegar ao maior número de pessoas possível na capital através de quaisquer outros meios necessários.

Porém, nem tudo eram flores, confetes e serpentinas. Com apenas dois meses de existência do novo departamento colorado, José de Azevedo e Silva<sup>21</sup>, dirigente que havia sido indicado por Peri Azambuja Soares<sup>22</sup> para presidência do DCP, pediu demissão<sup>23</sup>. O desportista alegou “motivos de ordem particular e evitar os ‘aborrecimentos’”. As fontes não nos dão maiores indícios sobre quais aborrecimentos levaram à saída do presidente, mas nos permitiremos ventilar uma hipótese. Iris Germano (1999, p. 101) faz um breve resumo da biografia de Vicente Rao no carnaval porto-alegrense, destacando em certa altura, atitudes autoritárias de Rao com relação aos membros da “Banda Filarmônica do Faxinal, último bloco que ele fez parte antes do famoso “Tira o Dedo do Pudim”, o qual também era conhecido como “Bloco do Rao”. Consta que a disputa de Rao com os demais membros da “Banda” quase foi parar na justiça, mas acabou se resolvendo de forma amigável. De toda forma, fica um indício de que os “aborrecimentos” de José Azevedo e Silva possam ter sido gerados por algum atrito com Rao, o líder da torcida, ao que pese que este último continuou no DCP mesmo com a saída do dirigente. No dia seguinte ao anúncio da saída de José Azevedo e Silva, conclamava-se a torcida colorada para uma reunião que visava, entre outros pontos, aclamar o “novo membro da Direção Geral do DCP”<sup>24</sup>. Contudo, não há menção posterior indicando o dirigente que passa a comandar o departamento. Por outro

---

<sup>21</sup> Não há nenhuma menção a José de Azevedo e Silva nas atas do Conselho Deliberativo do Internacional entre os anos de 1912 e 1955. É muito provável que ele fosse apenas um sócio com algum trânsito entre os dirigentes da época.

<sup>22</sup> Peri Azambuja Soares aparece apenas como suplente a conselheiro do Internacional na eleição do Conselho Deliberativo em 1945, para o biênio 1946-1947. Da mesma forma que José de Azevedo e Silva, é provável que se tratasse de um sócio do clube com algum trânsito entre a elite dirigente, tendo por sua vez galgado cargos políticos em setores como o DCP do clube.

<sup>23</sup> Diário de Notícias, 7 de agosto de 1940, p. 6.

<sup>24</sup> Diário de Notícias, 8 de agosto de 1940, p. 8.

lado, Vicente Rao passa a aparecer cada vez mais nas manchetes, inclusive representando o clube para receber a “Taça Diário de Notícias”, instituída pelo jornal ao vencedor de uma série de cinco clássicos grenais no ano de 1939<sup>25</sup>, ou ainda falando ao jornal sobre suas expectativas com relação à equipe colorada para a temporada de 1941<sup>26</sup>.

O DCP, como se pode notar, possuía atividades e atuações diversas, mas ganhou notoriedade como uma torcida organizada e pelo que a caracteriza: a festa nas arquibancadas. Algo inovador naquele momento não só em Porto Alegre, mas no Brasil. Contudo, o que menos aparece em nossas fontes é precisamente esta atuação. Em diversos momentos, o destaque ao DCP se dá pelos jantares de apoio e festas comemorativas.

O novel Departamento de Cooperação e Propaganda do “mais querido clube da cidade”, organizou para a tarde de hoje no Estadio dos Eucaliptos uma grandiosa festa desportiva. Os associados do clube de Hildo Meneghetti, comparecerão, por certo, aquela praça de desportos para assistir uma tarde cheia de atrativos.

O programa está assim organizado: 14 horas – Hasteamento da bandeira internacionalista; 15 horas – Início das provas de atletismo; 16 horas – Início da partida de futebol entre duas turmas, que terão a denominação Hoche Barros – Orlando Cavedine x Isaac Cruz – Carlos De Lorenzi. Início das partidas de Bola ao Cesto; 18 horas – Gordo churrasco. Haverá ainda uma demonstração de Cultura Física por elementos da Polícia Especial.

O DCP aproveitará o ensejo para fazer a primeira distribuição das DEZ MIL flamulas que acaba de receber a Pirostamba S. A. do Rio de Janeiro, que já no proximo embate que o clube colorado tomar parte serão ostentadas pela “maior torcida da cidade.”

Para as partidas de Bola ao Cesto que serão dedicadas aos internacionalistas Armando Silva, Cicero Ahrends, José Trud Palazo e Landredi são convocados a comparecerem no Estadio dos Eucaliptos, pás 14,30 horas os seguintes jogadores: Evaldo, Ruta, Foguinho, Galant, Lirio, Gato, Rene, Teodoro, Valdemar, João, Fulginiti, Idalico, Nadinho, Paulo, Hur, Antonio, Carlinhos, Recikinkis, Antenor, Zeferino e os demais inscritos. Os quadros de futebol serão assim organizados:

**PROFESSOR DE LORENZI**

Julio, Viafore, Alvaro, Risada, Cauduro, Rubim, Celso, Gaspar, Oliveira, Jorge, Baixinho, Catalani, Rui, Sebinho, Divino, Olivio e Danilo.

**PROFESSOR CAVEDINE**

Marcelo, Tedesco, Olmiro, Clovis, Levi, Assis, Nene, Levim, Pedrinho, Carlitos, Russinho, Torell, Castilhos, Otavio, Tezoura e El-Maestro.

Para juiz do prelio de futebol foi convidado o desportista Bica, o “rei do apito” na fronteira do Estado.

Duas bandas de musica abrilhantarão a festa interna que o Departamento dirigido pelos internacionalistas José Azevedo e Silva e Peri Azambuja Soares dirigem.<sup>27</sup>

<sup>25</sup> Diário de Notícias, 28 de dezembro de 1940, p. 8; 29 de dezembro de 1940, p. 10.

<sup>26</sup> Diário de Notícias, 30 de dezembro de 1940, p. 7.

<sup>27</sup> Diário de Notícias, 28 de julho de 1940, p. 14.

Nota-se o grande trabalho de organização a cargo do DCP na extensa programação da festa, lembrando os eventos cívicos do regime varguista. Cabe salientar que ainda não há menção a Vicente Rao apenas dez dias antes da saída de José Azevedo e Silva. Assim como este grande evento, outros foram feitos durante o período em questão, como forma de incentivo aos atletas e comemoração das conquistas. No dia 3 de novembro de 1940, após a conquista do Campeonato Citadino, ocorreu uma carreata organizada pelo DCP para comemorar o título<sup>28</sup>. Já no dia 5 de novembro, o Diário de Notícias publicava uma fotografia do momento em que os jogadores colorados entraram em campo e a festa irrompeu nas arquibancadas.

Figura 1 - Festa do DCP na partida Inter x São José em 03/11/1940



Fonte: Diário de Notícias, 5 de novembro de 1940, p. 17.

Este foi o único registro encontrado de forma mais detalhada sobre a festa feita pelo DCP nas arquibancadas. Contudo, o livro "Histórico 40-41-42" de J. Pompeo, nos fornece alguns outros relatos sobre a festa da torcida. No clássico Grenal de 30 de agosto de 1942, vitória do Inter por 4 a 2, o livro traz o seguinte relato:

"O D. C. P. fez instalar nos quatro cantos do gramado alto-falantes, que nos intervalos difundiam a canção 'Marcha da Vitória', que Nelson Lucena compôs e com seu Regional executou. Cantada por Silvio Amaro a

<sup>28</sup> Diário de Notícias, 3 de novembro de 1940, p. 11.

‘hinchada’ colorada o acompanhava em cômico, pois a canção é alusiva à brilhante campanha do E. C. Internacional. Após o embate foi de novo entoada a ‘Marcha da Vitória’, que findou sob uma verdadeira ovação da torcida do clube mais querido da cidade” (POMPEO, 1943, p. 126).

Já na vitória por 2 a 0 diante do Cruzeiro, no mesmo ano, quando o clube sagrou-se tricampeão da cidade, mais uma novidade foi inserida na festa da torcida.

“Durante a partida fez-se ouvir de entre a torcida colorada uma banda de clarins, acontecimento inédito em nossos campos de futebol. Essa iniciativa do D. C. P. colorado surgiu como substituto dos foguetes agora racionados... Depois da partida grande número de torcedores rubros, entoando a ‘Marcha da Vitória’ seguiu em massa para o campo da rua Silvério, e, aí, juntamente com os jogadores festejaram até o noite a conquista do tri-campeonato” (POMPEO, 1943, p. 129).

Nota-se ainda, neste momento, como a proximidade com a guerra afetou o dito “carnaval” da torcida, não só através do racionamento de fogos de artifício, como também em termos de mobilização do desporto, mas também das torcidas em auxílio à nação. No dia 4 de outubro de 1942, foi realizado um amistoso entre a “Seleção dos Cinco”<sup>29</sup> e o Internacional, campeão da cidade. O motivo do amistoso foi a construção de abrigos anti-aéreos visando a defesa da cidade em estado de guerra. Segundo Pompeo (1943, p. 133),

“[...] o Departamento de Cooperação e Propaganda do E. C. Internacional, constituiu uma comissão de senhoras e senhoritas sob a direção do dinâmico esportista Vicente Rao, que no portão principal do Estádio da rua Silvério munida de uma grande bandeira solicitava a contribuição dos torcedores colorados indistintamente”.

Apesar do clima da guerra atingir o futebol, houve a liberação do uso de “foguetes, bombas, rojões e outros ‘materiais barulhentos’”<sup>30</sup> pelo delegado responsável pela Delegacia de Costumes, “dr.” Câmara Canto, para a grande final do Campeonato Gaúcho diante do Floriano (atualmente Novo Hamburgo) no Estádio da Baixada.

Além da proximidade entre a guerra e o futebol, o ano de 1942 apresenta ainda uma diminuição das aparições do DCP nas manchetes do Diário de Notícias, havendo inclusive a menção a uma pausa nas atividades do mesmo.

<sup>29</sup> A Seleção dos Cinco contava com jogadores dos outros cinco clubes da divisão principal da FRGF. Diário de Notícias, 3 de outubro de 1942, p. 6.

<sup>30</sup> Diário de Notícias, 25 de outubro de 1942, p. 12.

Voltou a atividade depois de uma pequena pausa, o Departamento de Cooperação e Propaganda do valoroso E.C. Internacional, bi-campeão da cidade e do Estado. Na última segunda-feira os diretores escolhidos pela direção do clube, tomaram posse de seus cargos, iniciando, desde logo, franca atividade em prol da maior grandeza do clube presidido pelo infatigável desportista Miguel Genta<sup>31</sup>.

Não há indícios dos motivos desta pausa na referida notícia e também não pudemos apurar o segundo semestre de 1941 devido a um lapso nas fontes. Imaginamos que o início de trabalho de uma nova direção, a qual empossou os diretores do DCP somente em março, possa ter sido responsável por essa interrupção nos trabalhos, contudo, sem comprovação documental de tal hipótese. Entretanto, fica claro que as mudanças atingem o DCP.

A mesma notícia menciona a criação de uma “Legião da Vitória” que passaria a organizar a “maior torcida da cidade”<sup>32</sup>. A “Legião da Vitória” deveria contar com um diretor de torcida “seguindo o exemplo dos grandes centros”, entoando “hinos e outras novidades”<sup>33</sup>. Causa estranhamento que a notícia afirme que só a partir de então (março de 1942) a torcida contará com um diretor de torcida, visto que Vicente Rao já aparentava realizar toda a organização da torcida anteriormente. Acreditamos se tratar de algo anunciado no escopo das mudanças feitas pela nova direção do clube, assim como no caso da interrupção das atividades do DCP. A mesma notícia menciona ainda que Vicente Rao passou a dirigir a seção social do departamento, sem maiores explicações sobre qual seria seu trabalho. Há ainda o retorno de Peri Azambuja Soares aos noticiários, ele que teria sido um dos criadores do DCP e seu “presidente”. Representando o DCP, Peri apresentou ao presidente Miguel Genta, em um banquete organizado pelo departamento, o novo contrato do jogador argentino Villalba, com validade até maio do ano seguinte<sup>34</sup>. Assim como o DIP gerenciou o registro de todos os atletas em solo nacional até a criação do CND em 1941, o DCP colorado parecia estar também à frente das atividades relacionadas aos contratos dos atletas do clube.

Em contrapartida, no ano de 1942, há o surgimento do departamento Pela Pujança do Grêmio, oficializado em 10 de junho daquele ano<sup>35</sup>, o qual divide os noticiários com o DCP entre os meses de maio e agosto. Contando com a direção

---

<sup>31</sup> Diário de Notícias, 27 de março de 1942, p. 8.

<sup>32</sup> Idem, p. 8.

<sup>33</sup> Diário de Notícias, 28 de março de 1942, p. 8.

<sup>34</sup> Diário de Notícias, 10 de junho de 1942, p. 8.

<sup>35</sup> Idem, p. 8.

de Cecílio Gomes, o PPG possuía ainda dois diretores de propaganda – Adail Borges Fortes e Afonso Robles. De curta existência, desaparece dos noticiários após o pedido de demissão dos membros da sua diretoria<sup>36</sup>, apenas seis dias após vários dirigentes do clube e conselheiros se demitirem de seus cargos<sup>37</sup>. É sintomático notar que este departamento possuísse uma estrutura parecida com o DCP no que diz respeito à preocupação com a propaganda, além, é claro, da unificação da torcida em torno do apoio ao clube. A experiência destas duas organizações torcedoras, DCP e PPG, mesmo que a segunda apresente uma existência efêmera, mostra diferenças bastante significativas com relação às organizações do centro do país. Se no Rio e em São Paulo, o objetivo das organizações e concursos de torcida era de ditar os parâmetros do comportamento torcedor nas arquibancadas, em Porto Alegre estes objetivos eram muito mais amplos e complexos.

---

<sup>36</sup> Diário de Notícias, 26 de agosto de 1942, p. 5.

<sup>37</sup> Diário de Notícias, 20 de agosto de 1942, p. 6.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol brasileiro passou por uma série de transformações nas primeiras décadas do século XX. De um esporte elitista e majoritariamente amador, foi abrindo suas portas para as demais camadas da sociedade com o passar do tempo à medida que o profissionalismo, mesmo que durante muito tempo escondido, avançava. Este processo não ocorreu sem conflitos que representaram mais do que uma simples disputa entre os regimes amador e profissional, mas embate mais amplo pelo controle do futebol brasileiro. Este processo se estendeu por toda a fase inicial do governo Vargas e adentrou o período do Estado Novo com a posterior intervenção do governo nacional – com a anuência da imprensa e de vários membros da elite esportiva - em nome de uma suposta organização do esporte nacional que era deficitária anteriormente. Contudo, a criação de um órgão para organizar o esporte – o CND – muito pouco alterou na estrutura do esporte nacional que se manteve nas mãos das mesmas elites que o comandavam desde seus primeiros chutes pelos campos do país.

Ao mesmo tempo que o futebol se abria para camadas diferentes daquelas que o organizaram nos primeiros anos, suas arquibancadas se abriam da mesma forma. Aos poucos aquele evento com ares aristocráticos foi se tornando em algo que envolvia a população em torno de seus jogos, seus resultados e criando rivalidades onde fosse disputado. A imprensa teve um papel crucial na popularização do esporte nas primeiras décadas. Porém, é o uso político pelo regime de Vargas que faz o esporte dar um salto para outro patamar em termos de alcance popular. Estádios como São Januário e Pacaembú são inaugurados no começo da década de 1940 e utilizados politicamente por Vargas para atingir o maior número de pessoas possível através de seus discursos. Os templos sagrados do futebol serviam à comunicação com as massas. Da mesma forma, os dias de futebol eram repletos de pessoas de todas as classes sociais no concreto ou na madeira das arquibancadas do país. Era necessário disciplinar este crescente público dentro de um regime que tentava criar uma identidade nacional ainda em disputa e formação. E o futebol foi um dos meios utilizados para tal, não só através das representações da Seleção Brasileira em eventos esportivos internacionais, como através de iniciativas que ditavam o comportamento dos torcedores nas arquibancadas.

É dentro deste contexto que surgem as primeiras organizações torcedoras: a TUSP em São Paulo, o DCP em Porto Alegre e a Charanga Rubro-Negra no Rio de Janeiro. Contudo, como um país de dimensões continentais, difícil seria que as experiências fossem exatamente iguais. Desta forma, pode-se traçar dois vieses de atuação do DCP do Sport Club Internacional. De um lado, enquanto torcida organizada, com características que o aproximam dos seus contemporâneos do centro do país: o carnaval nas arquibancadas, as provocações bem humoradas aos rivais, típicas do ambiente carnavalesco, a presença do torcedor-símbolo, quase que emulando o líder carismático típico do populismo presente no regime varguista; de outro lado, um campo de atuação mais diversa que diferia das demais organizações torcedoras, mas que aproximava o DCP do órgão do governo que possuía quase o mesmo nome e fora criado apenas um ano antes, o DIP. Estratégias de propaganda, incluindo as próprias provocações aos rivais já citadas, que construíram a identidade do clube no período, bem como a atuação junto aos órgãos de imprensa moldando a imagem do clube e criando uma forma de torcer nas arquibancadas, unificando a “nação colorada” da mesma forma que o Estado Novo tentou unificar a nação brasileira excluindo as divisões estaduais de um país comandado por oligarquias até o golpe de 1930. Desta forma, o DCP se diferenciou das demais organizações contemporâneas, tentando moldar a imagem representada pelos meios de comunicação aos seus leitores, mas também na ação direta sobre o público adepto do futebol em Porto Alegre.

De um torcedor que “se torce, se retorce, se contorce, como se seu corpo fosse uma caixa de ressonância reproduzindo e ampliando cada movimento, gesto, esforço, violência ou façanha desempenhada no campo diante de si” (SEVCENKO, 1994, p. 36), tentava-se chegar ao torcedor domesticado, que compreendesse que seu único papel nas arquibancadas era o apoio ao clube, sem questionar ações ou atuações de dirigentes, treinadores e jogadores. Esse processo somente seria interrompido de forma inexorável a partir da segunda onda de formação de organizações torcedoras, já ao final da década de 1960, dentro do regime militar, como uma forma de organização da juventude e de contestação aos valores vigentes no período.

Apesar de correr o risco de soar como um grande clichê em 2021 se faz necessário reafirmar que o futebol não se dissocia da realidade em que está inserido, sendo, muito pelo contrário, fortemente influenciado pelas tensões

existentes nos processos históricos. Desta forma, as organizações torcedoras originadas no período do Estado Novo transparecem muito daquele contexto histórico em suas formas de organização, suas atuações e seus objetivos. O DCP do Internacional não foge à regra e não parece surgir como um movimento que mimetiza algo que ocorria em São Paulo, onde se originou a primeira organização torcedora do país. Pelo contrário, nos parece, até que indícios mostrem o contrário, que se originou com o claro objetivo de disciplinar a torcida colorada, ao mesmo tempo em que buscava sua ampliação. É claro que os resultados de campo ajudaram, como sempre é necessário dentro do mundo competitivo do futebol, tendo em vista que no período pesquisado, o Internacional alcançou mais títulos da cidade e do estado do que já possuía nos trinta anos de sua existência até a criação do DCP. Mas também fica claro que outros componentes auxiliaram nisso, seja a popularidade de Vicente Rao, torcedor-símbolo colorado, seja a propaganda do próprio DCP em outros campos de atuação, seja o discurso democrático de aceitação de toda e qualquer pessoa sem distinção de raça, cor, classe social ou credo que casa muito bem com o posicionamento brasileiro a partir do momento em que o país abandona sua posição de neutralidade na guerra e fica ao lado dos Aliados. Estes fatores ajudam a explicar o sucesso do DCP e o aumento da torcida colorada na década de 1940, período em que passa de “rolo compressor” a “clube do povo” em questão de poucos anos, tornando-se não só uma das maiores potências do sul do país, como também uma das maiores torcidas.

## REFERÊNCIAS

### ARQUIVOS

Museu da Comunicação Hipólito José da Costa  
Museu do Sport Club Internacional - Ruy Tedesco

### FONTES

Diário de Notícias, Porto Alegre, RS, Brasil. De 1940 a junho de 1941 e 1942.  
Livro de Actas das sessões de Assembleia Geral do Sport Club Internacional, (1912 – 1959).  
Revista do Globo, Porto Alegre, RS, Brasil.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, Jorge Luiz Medeiros. *As torcidas uniformizadas (organizadas) de futebol no Rio de Janeiro nos anos 1940*. Esporte & Sociedade, Rio de Janeiro, n. 14, 2010.

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988. 78 p.

\_\_\_\_\_. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília Almeida Neves (orgs.). *O Brasil republicano*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003, Vol. 2. P. 107-143.

DAMATTA, R. *Antropologia do óbvio* - Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. Revista USP, São Paulo, n. 22, p. 10-17, 30 ago. 1994.

DRUMOND, Maurício. *Estado Novo e Esporte: a política e o esporte em getúlio vargas e oliveira salazar (1930-1945)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014. 177 p.

DUARTE, Vinicius Vidor. *Notícias que vêm da arquibancada: a popularização da torcida do Grêmio FPBA expressa nas páginas do Correio do Povo (1933-1946)*. TCC (Graduação) – Curso de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 433 p.

GALEANO, Eduardo. *Fechado por motivo de futebol*. Porto Alegre: L&Pm, 2018. 232 p. Tradução de Eric Nepomuceno.

GERMANO, Iris Graciela. *Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de porto alegre nas décadas de 1930 e 40*. Dissertação (Mestrado) - Curso de

Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999. 275 p.

GRANDES CLUBES BRASILEIROS. Rio de Janeiro: Rio Gráfica e Editora S.A., v. 5, 1971.

HOLLANDA, Bernardo B. B.. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de et AL. *A Torcida Brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, p. 86-121.

HORN, L. G. R.; MAZO, J. Z. *Um estudo histórico sobre a torcida do 'Grêmio Esportivo Renner' de Porto Alegre/RS (1945-1959)*. Pensar a Prática, [S. l.], v. 12, n. 2, 2009.

LEAL, Caroline. *Festas carnavalescas da elite de Porto Alegre: evas e marias nas redes de poder (1906-1914)*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. 245 p.

MALAIÁ, João M. C.. Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (bras.): 1910-1950. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de et al. *A Torcida Brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. p. 53-85.

MARIO FILHO. *O negro no futebol brasileiro*. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010. 360 p.

MAUER, Thiago. *Do profissionalismo corruptor aos braços do povo: o S.C. Internacional e o futebol porto-alegrense (1909-1945)*. 2018. 51 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. *A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998. 346 p.

PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília Almeida Neves (orgs.). *O Brasil republicano*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003, Vol. 2. P. 13-37.

POMPEO, J. *Histórico 40-41-42*. [S.L.]: [S.N.], 1943.

SANTOS, Carlos Lopes dos. *O Gigante da Beira-Rio*. Canoas: Tipografia e Editora La Salle, 1984. 335 p.

SEVCENKO, N. *Futebol, metrópoles e desatinos*. Revista USP, São Paulo, n. 22, p. 30-37, 30 ago. 1994.

SILVA, Diego Augusto Santos. *Evolução histórica da legislação esportiva brasileira: do estado novo ao século XXI*. Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, Santo André, v. 3, n. 3, p. 69-78, set. 2008. Trimestral.

SOARES, Ricardo Santos. *O Foot-Ball de todos: uma história social do futebol em porto alegre, 1903-1918*. 2014. 181 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SPORT CLUB INTERNACIONAL. Agenda Histórica/Maio 2008. Disponível em: <https://legado.internacional.com.br/conteudo?modulo=2&setor=18&codigo=6751>. Acesso em: 12 abr. 2021.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996. 176 p.

\_\_\_\_\_. *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000a. 78 p.

\_\_\_\_\_. *Lógicas no futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000b. 341 p.

VIEIRA, Daniele Machado. *Territórios Negros em Porto Alegre/RS (1800-1970): Geografia-histórica da presença negra no espaço urbano*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. 189 p.

ZICMAN, Renée Barata. *História através da imprensa: algumas considerações metodológicas*. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo, v. 4, p. 89-102, dez. 1984.